



Melina Zucolo Guterres

**UM CENÁRIO DE CINEMA/VÍDEO DE SANTA MARIA - RS
De 2002 a 2007.**

Santa Maria, RS
2007

Melina Zucolo Guterres

**UM CENÁRIO DE CINEMA/VÍDEO DE SANTA MARIA -RS
De 2002 a 2007.**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Comunicação Social – Área de Artes, Letras e Comunicação do Centro Universitário Franciscano, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Prof^a Ms. Daniela Aline Hinerasky

**Santa Maria
2007**

Melina Zucolo Guterres

**UM CENÁRIO DE CINEMA/VÍDEO DE SANTA MARIA -RS
De 2002 a 2007.**

Trabalho Final de Graduação apresentado ao Curso de Comunicação Social – Área de Artes, Letras e Comunicação do Centro Universitário Franciscano, como requisito parcial para obtenção de grau de Bacharel em Comunicação Social - Jornalismo.

Profª Ms. Daniela Aline Hinerasky – Orientadora (UNIFRA)

Ms. Gerson Rios Leme (UNIFRA)

Profª Ms. Sione Gomes (UNIFRA)

Aprovado em ___/___/___

AGRADECIMENTOS

Antes de mais nada, é importante lembrar que cinema se faz em equipe... Bom esta pesquisa, que trata sobre cinema/vídeo em Santa Maria, contou com muitos colaboradores, que contribuíram de uma forma que outra para que fosse finalizada.

Em primeiro lugar agradeço aos meus pais por lerem, revisarem o meu trabalho e me lembrarem todos os dias que eu tinha muito a fazer. Agradeço a Daniela, minha orientadora por me motivar quando eu já não queria nem escutar as palavras “cinema” ou TFG. Agradeço à professora Kitta por suas colaborações, principalmente respondendo certas dúvidas minhas de madrugada pelo MSN. À Fran, que escreveu sobre cineclubes de Santa Maria, por me achar no meio da noite e falar sobre cinema, exaltando a importância de nossos trabalhos e, é claro, por enviar a sua monografia que veio a contribuir nesta. Agradeço ao professor e amigo Luis Alberto Sanz por sua disponibilidade e leitura crítica desse trabalho.

Faço um agradecimento especial, ao Ricardo Willeker, meu namorado, a Camila Carvalho, Áurea Carvalho (mãe da Camila), Camila Dalcin, Janaina Vedoin por me ajudarem nas transcrições das entrevistas. Agradeço a eles por sua amizade, solidariedade, colaboração. Ao meu namorado também pela sua paciência, compreensão e incentivos diários.

Agradeço ao Marcos Dias, meu amigo e colega de curso que gravou comigo diversas entrevistas, na esperança de termos posteriormente um documentário. Nesse processo de gravações, incluo meus agradecimentos ao Gilberto, que matou aula da Sibila para gravar comigo (avisei ela o motivo) e Tiago Eberle que saiu mais cedo do trabalho para me ajudar a gravar em Porto Alegre.

Agradeço a todos que me concederam entrevistas e aqueles que de alguma forma ou outra contribuíram na realização desta pesquisa. Também agradeço a Sione Gomes e Gerson Leme por aceitarem fazer parte da minha banca.

Enfim, se cinema é equipe, a colaboração de meus amigos no TFG foi uma grande demonstração de solidariedade a qual registro aqui, através desta pesquisa e na minha memória para toda vida.

RESUMO

Esta pesquisa monográfica resgata o cenário de cinema/vídeo de Santa Maria no período de 2002 a 2007. Para tanto, utiliza a história oral temática com base em entrevista semi-estruturada, análise qualitativa, quantitativa, coleta de dados em jornais e internet, além de bibliografias específicas. Trata-se de uma pesquisa inédita em que a coleta em arquivos de jornais, sites e entrevistas direcionadas aos que fazem parte deste cenário, foram essenciais para construir uma trajetória científica.

Este trabalho traz a introdução ao conceito de cinema, a história e os incentivos ao cinema gaúcho e situa a cidade de Santa Maria dentro do contexto do objeto de estudo, observando tendências e perspectivas.

Palavras-chave: Cinema. Vídeo. História. Santa Maria

Abstract

This research monographic rescues the scene of film / video of Santa Maria in the period from 2002 to 2007. To do so, using the oral history theme based on semi-structured interview, qualitative, quantitative, collecting data in newspapers and internet, and bibliographies specific. It is an unprecedented search in which collects in files of newspapers, targeting the sites and interviews that are part of this scenario, were essential to build a scientific trajectory.

This work brings the introduction to the concept of cinema, history and incentives for film gaucho and located the town of Santa Maria in the context of the object of study, noting trends and prospects.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	07
2. O QUE É CINEMA?.....	09
3. INTRODUÇÃO A HISTÓRIA DO CINEMA GAÚCHO E INCENTIVOS NO ESTADO.....	13
3.1 INCENTIVOS NO RIO GRANDE DO SUL.....	18
4. METODOLOGIA.....	25
5. SITUANDO SANTA MARIA.....	28
5.1. LEI DE INCENTIVO MUNICIPAL DE SANTA MARIA.....	34
5.2 ESTAÇÃO CINEMA – ASSOCIAÇÃO DE PROFISSIONAIS E TÉCNICOS DE VÍDEO E CINEMA DE SANTA MARIA.....	36
6. DE ONDE VÊM AS PRODUÇÕES?.....	40
6.1 TV OVO.....	40
6.2 UFSM – curso de com, extensão cine.....	42
6.2.1 LONGA MANHÃ TRANSFIGURADA.....	44
6.2.2 LONGA HAMARTIA.....	47
6.3 UNIFRA.....	49
6.4 PRODUTORAS LOCAIS.....	51
6.5 “DE FORA” – Depois do Abas, o Clô.....	54
7. FESTIVAL DE VÍDEO E CINEMA DE SANTA MARIA – SMVC.....	56
8. ANALISANDO A CENA LOCAL.....	58
9. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	61
10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	65
11. ANEXOS.....	68

1. INTRODUÇÃO

Ano 2007, século XXI, Santa Maria, Rio Grande do Sul, tempos do *hometheater*; da tela LSD, tempos em que o cinema está praticamente dentro de casa. Nesta cidade, conhecida como “universitária”, as salas de cinema estão fechadas desde julho de 2007. A pirataria acaba tornando-se uma das únicas formas de assistir a lançamentos como o filme brasileiro “*Tropa de Elite*”. Reunir pessoas diferentes para ver filmes, é uma alternativa dada pelos cineclubes locais.

No entanto, ao mesmo tempo em que o cinema tem se tornado cada vez mais doméstico, em Santa Maria está se produzido cinema/vídeo, na sua maioria curtas-metragens, gravados em câmeras digitais. O que este trabalho investiga são estas produções locais que não estão nas grandes telas, mas na vida da cidade, lembrando que este estudo é o primeiro a resgatar a memória das produções de cinema/vídeo local. Sua origem se dá justamente por essa relevância histórica de registrar tal cena.

Prendemos-nos a mostrar fatos e acontecimentos que contribuíram para o crescimento deste cenário em Santa Maria, assim como determinadas produções, delimitando o período a 2002 a 2007. Para contar essa história utilizamos o método de história oral temática, através de entrevistas semi-estruturadas.

Compreendemos que para realizar um resgate histórico do período atual é preciso também saber o passado, assim como as questões técnicas, uma vez que a discussão sobre o que é cinema acontece com frequência. Esta última é debatida no terceiro capítulo que trata sobre a tecnologia e incentivos à produção no Estado. No quarto, aborda-se uma introdução à história do cinema gaúcho e, no quinto, encerrando a parte teórica, um breve histórico sobre a produção de Santa Maria. Ainda neste último, os sub-capítulos começam a refletir nosso objeto de estudo: a produção de cinema/vídeo de Santa Maria, de 2002 a 2007.

No sexto capítulo, apontamos de onde vêm as produções. Localizamos aí a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) através do curso de Extensão em Cinema Digital; o Centro Universitário Franciscano (UNIFRA); a TV Ovo; as produtoras locais, além de incluir três longas-metragens, dos quais dois são produções realizadas pela UFSM.

No sétimo capítulo localizamos onde a maioria do que se produz na cidade é exibido, no Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria (SMVC) que existe desde 2002. O oitavo e último capítulo analisa a cena local, a partir dos depoimentos e entrevistas das fontes consultadas, seguido da conclusão desta pesquisa.

2. O QUE É CINEMA?

DUARTE (2002) narra que em 28 de dezembro de 1895, no Salão Indiano do Grand Café, no nº.14 do Boulevard des Capucines, Paris: 33 espectadores assistiram às primeiras projeções públicas de filmes feitos pelos inventores do cinematógrafo – os irmãos Lumière. Filmes curtos, com cerca de 50 segundos cada, retratando cenas do cotidiano urbano, oficializavam o nascimento do cinema. O Brasil conheceu o cinematógrafo no ano seguinte e em 1898 já dava os primeiros passos no sentido de ter sua própria cinematografia.

O Dicionário Aurélio (1989:114) define Cinema como “1. Arte de compor e realizar filmes cinematográficos.” E traz ainda os desdobramentos “2.Cinematografia. 3. Sala de espetáculos onde se projetam filmes cinematográficos.”

Embora seja uma aparente definição simplificada, a real compreensão do gênero pode ser discutida pelos recursos tecnológicos utilizado em cada produção. Filmar é registrar quadro a quadro uma imagem, cujo movimento é obtido conforme a velocidade rodada. No meio técnico costuma-se ouvir “os rolos de película”, instrumento utilizado para registrar a imagem, filmar. Devemos destacar que compreendemos a importância e transformação dos recursos tecnológicos em relação ao áudio no cinema, mas não nos prendemos em acompanhar essa trajetória.

As películas são idênticas às das câmaras fotográficas analógicas e há diversos formatos, em geral definidos pela bitola (largura). Os formatos mais conhecidos para cinema são 35 mm, 16 mm (incluído o super-16) e 8 mm (incluído o Super-8). E há diferentes películas para filmes em preto-e-branco e em cores.

O cinema industrial utiliza normalmente 35mm. Com a transformação dos recursos tecnológicos, novos instrumentos foram surgindo e ainda surgem, o que implica, hoje, em um novo mercado: o audiovisual, ou seja imagens e sons registradas em meios magnéticos ou digitais. SILVERINHA(2002)¹ comenta, em termos históricos que:

A responsabilidade pelo nascimento daquilo a que virá a ser designado como ‘arte vídeo’ é normalmente atribuída a Nam June Paik, quando este realiza, em 1965, *Calé Gogo*. O seu nascimento coincide com uma operação comercial, mais do que com uma descoberta técnica: o lançamento no mercado, por parte da SONY, da telecâmara portátil e do vídeo gravador.

¹ Disponível em <http://bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-patricia-Arte-Video.html>. Consultado em 09/08/2007

Desde o início que a arte vídeo estabelece relações complexas, quer com os restantes domínios artísticos – nomeadamente com a pintura e com o cinema –, quer com os meios de cultura popular - designadamente a televisão.

O audiovisual representa um novo marco, uma nova forma criar, de registro de imagens e contar histórias por elas. É utilizado principalmente por emissoras de televisão e produtoras de publicidade. No caso do cinema, com o aprimoramento da tecnologia, costuma-se falar que uma obra cinematográfica gravada é definida como Cinema Digital. A forma narrativa de realizar o cinema (curta-metragem, média-metragem, longa-metragem), não muda neste caso, o que mudam são os recursos tecnológicos utilizados.

Historicamente, a película foi o primeiro instrumento que registrou imagens em movimento e continua sendo um instrumento muito utilizado para se fazer filmes. Vale lembrar que muitos dos Festivais Internacionais e Nacionais dividem os filmes por categorias, definidas pela tecnologia utilizada, película ou digital, sendo que os longas-metragens geralmente se encontram somente na primeira. Também é importante observar que as salas de cinema, em sua maioria, possuem projetores para filmes em película e que a projeção digital, além de cara, ainda é rara. Em relação às diferenças das tecnologias película e digital, LIMA² define que:

No cinema em película a imagem atravessa a lente de uma câmera cinematográfica e vai impressionar o filme virgem. Finda a filmagem, o filme é retirado do chassis e mandado para o laboratório passando pelo processamento caro de revelar, telecinar, criar efeitos especiais e editar.

No Cinema Digital, a imagem também atravessa a lente de uma câmera, porém não sensibiliza uma película cinematográfica. A imagem é convertida imediatamente em sinal eletrônico.

MERTEN (2002:234), diz que uma das preocupações dos críticos seria de que o processo digital desencadearia uma enxurrada de “filminhos domésticos, repetindo talvez, o que houve com a bitola do Super-8 no passado”. No entanto lembra ser essa uma questão relativa.

O filme pode ser feito em digital por uma ninharia, mas em 2003 o sistema de projeção não se baseia na nova tecnologia. Existem salas que expõem esses novos projetos, mas são raras. Para integrar o circuito tradicional de exibição, o filme em digital tem de passar para película, o que se chama de transfer e é um processo caro.

² Entrevista disponível em <http://negativoonline.com/waldemarlina.htm>. Acessado em 10/08/2007

A tecnologia Transfer é uma das outras formas em que o avanço tecnológico vem contribuir para o crescimento da produção cinematográfica registrada em película. Também é conhecido como kinescopia: é a passagem da imagem digitalizada para a película. MORAES (1997:01)³, explica o processo:

A utilização prática da kinescopia é a transposição de imagens registradas em vídeo ou contidas em computador para película de cinema. Isto é necessário tanto para a preservação das imagens de vídeo quanto para trucagens cinematográficas mais fáceis de executar em vídeo ou em computador. Esta transposição cria uma sutileza semiológica. Quando fazemos uma kinescopia de uma imagem que exhibe representações da realidade, criamos uma fotocópia. Esta fotocópia apresenta uma qualidade diferente do registro original, sem porém modificar seu conteúdo narrativo.

O sistema de transfer, que é muito adotado no Brasil, principalmente nas produções de longas-metragens, reduz custos de produção, embora o método não seja em si barato, mas mais acessível que filmar com película. Em relação a valores, BRODERICK et alii(s.d.)⁴ esclarecem que:

Atualmente o custo de um transfer de boa qualidade de um filme de 90 minutos para 35mm vai de US\$35,000 a US\$70,000. Um transfer para 16mm pode custar a metade disso. Por US\$35,000, o custo é muito semelhante ao custo de um blowup de 16mm para 35mm. Os preços podem variar de um laboratório para outro. A competição entre os laboratórios vem se acirrando, portanto os preços devem cair ou pode se tornar mais fácil fechar um pacote.

Uma das principais vantagens do cinema digital, além da tecnologia digitalizada é a redução de custos de produção. O site MNEMOCINE⁵, dedicado ao ensino e à pesquisa do universo audiovisual, faz uma relação de custos, comparando os dois sistemas lembrando que “uma fita beta ou digital de 30 minutos custa aproximadamente R\$ 50,00, e um rolo de 400 pés (10 minutos), 16mm, aproximadamente R\$ 220,00”. Em Santa Maria – RS (2007) uma fita digital de 60 minutos está em torno de 30 reais. MERTEN(2003:233) lembra que:

Em todo mundo, o digital virou a solução de todos os problemas. Em Hollywood, foi considerado ferramenta valiosa para a concretização dos efeitos especiais sobre os quais se assenta o edifício da indústria do cinema. Fora da cinematografia hegemônica, o digital tornou-se atraente porque barateia os custos,

LIMA (id.ibid) já dá uma definição mais clara, diz que “Para quem tem dinheiro, cinema em película. Para quem não tem, cinema digital”.

³Disponível em <http://www6.ufrgs.br/infotec/teses97-99/moraes-usp97.htm>. Acessado em 10/08/2007

⁴Artigo disponível em http://www.teleneews.com.br/guia_prod_filme_digital.pdf. Consultado em 20/08/2007

⁵www.mnemocine.com.br

Resumidamente, fazer “rodar em película” continua sendo caro, “gravar em digital” não. O cinema torna-se mais acessível, e a produção independente se amplia..”

MERTER(id.ibid.:238) conclui que “O digital, de qualquer maneira, virou a sensação, saudando como o arauto de uma possível democratização do audiovisual”.

Mais de cem anos depois da invenção do cinema e avanço tecnológico, suas mudanças e adaptações, uma questão continua a instigar “O que é cinema?”. O autor (ibid:246) define como:

Um instrumento de investigação da realidade, de construção do humanismo, que pode se manifestar por meio do extremo artifício. Por mais realista que pareçam certos filmes, o que parece na tela não é a realidade concreta, mas outra realidade. (...) é um veículo de vida e de morte. De vida, porque permite às pessoas e objetos continuarem vivendo como imagem, muito tempo após o seu desaparecimento. De morte, porque nessa imagem tornada perene está a própria negação da existência.

Para GERBASE [2003:127] “o cinema permanece essencialmente o mesmo, apesar das novas tecnologias digitais, pois estas – pelo menos no estágio atual não interferiram decisivamente na narrativa audiovisual”.

Em suma, cinema e audiovisual podem utilizar a mesma linguagem (curta, média, longa), no entanto é a técnica que os difere, além do mercado que em sua maioria, possui salas de cinema de projeção em película.

3. INTRODUÇÃO À HISTÓRIA DO CINEMA GAÚCHO E INCENTIVOS NO ESTADO

Os primeiros filmes produzidos no Rio Grande do Sul realizaram-se na década de 10 do século passado. A Fundacine, registra nove, entre eles *Ranchinho do Sertão* (1912/13), dirigido pelo imigrante alemão Eduardo Hirtz, que trouxe a temática rural ao cinema gaúcho. Pela mesma época, o imigrante português Francisco dos Santos abria um estúdio cinematográfico em Pelotas, realizando filmes como *O crime dos banhados* (1913) e *A mulher do chiqueiro* (1914), também ambientados no meio rural.

Na década de 20, alguns filmes seguiram no filão campeiro, como *No pampa ensangüentado* (1923) e *Um drama nos pampas* (1927), de Carlos Comelli, e o curta em duas partes *Em defesa da irmã* (1926), de Eduardo Abelin Outros abriam a temática urbana, em particular *Amor que redime* (1928) e *Revelação* (1929), feitos por E. C. Kerrigan, um italiano proveniente de São Paulo.

Nos anos seguintes o cinema gaúcho vive uma queda na produção cinematográfica. A Fundacine registra apenas dois filmes na década de 30: *A Avançada das Tropas Gaúchas* e *O Pecado da Vaidade*, na década de 40, apenas um: *Escadas*. Nos anos 50, três: *O Anjo de Fogo*, *Frutos da Bondade* e *Lágrimas de Fé*. ROSSINI(2007)⁶, explica:

Nas décadas seguintes, o cinema gaúcho encontrou várias dificuldades para se manter, mas a tendência de se fazer filmes rurais persistia. Assim, a identidade gaúcha que o cinema veiculava ia construindo-se, preferencialmente, como sendo ligada à terra, ao pampa, o que era coerente com o imaginário regional/nacional de que o gaúcho é aquele que gosta de andar a cavalo, de viver ao ar livre, sem muitas regras ou leis.

Embora não conste no site da Fundação, NECCHI (2005)⁷ lembra, que o primeiro longa-metragem sonoro rodado no Rio Grande do Sul foi o clássico *Vento Norte* (1951), de Salomão Scliar, com argumento de Josué Guimarães e roteiro do

⁶ « Cinema gaúcho: construção de história e de identidade », Número 7 - 2007, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, mis en ligne le 12 janvier 2007, référence du 18 septembre 2007, disponible sur : <http://nuevomundo.revues.org/document3164.html>

⁷ Dissonância no pampa - A saga de Anahy de las Misiones na representação cinematográfica da identidade gaúcha – Dissertação de Mestrado, 2005, consultada em 18 de setembro 2007, disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/download/dissertacao_vitornecchi.pdf

próprio Scliar. “Não se passava em nenhum espaço rural, nem urbano, mas no litoral. A ambientação próxima do mar, no entanto, era exceção”.

A partir de meados dos anos 60, o cinema se firma no Estado com filmes em longa-metragem. Um dos propulsores desse desenvolvimento foi o cantor regionalista Vitor Mateus Teixeira, que começa a sua carreira como ator e produtor em 1967. Entre 1967 e 1981, realiza 12 películas.

Teixeirinha, como era conhecido popularmente, tinha a preocupação de dividir seus filmes entre urbanos — exemplo: *Carmem, a Cigana*, (1976) e rurais — exemplo: *Tropeiro Velho* (1979); às vezes um personagem do meio urbano ia para o meio rural, como em *A Quadrilha do Perna Dura* (1975). No entanto, seus filmes rurais sempre tiveram maior público do que os urbanos.

ROSSINI (1995:78) lembra que a crítica era feroz em relação aos filmes de Teixeira por possuírem um caráter popular. Para ela:

Dizer que os filmes eram ruins, cheios de falhas técnicas ou que estavam na pré-história do cinema – conforme um crítico carioca – era não levar em conta a realidade daqueles que iam assisti-los. Essas pessoas, após o declínio das chanchadas e com exceção de Mazzaropi, ficaram sem um produto cinematográfico que as alcançassem, pois os cineastas buscavam atingir a classe média e a intelectualidade. Cinema Novo; Cinema Marginal; filmes alegóricos estavam fora dos moldes culturais da maioria do público de Teixeira, quer era composta de pessoas pobre (...).

Ainda nos anos 60 e 70, outras produções com a temática rural foram lançadas, algumas com muito sucesso, entre elas: *Pára, Pedro* (1968), e *Não Aperta, Aparício*, (1969), dirigidas por Pereira Dias e estreladas por outro cantor regionalista, José Mendes. Além dessas, *Capitão Rodrigo*, (1971), de Anselmo Duarte e *Ana Terra* (1972), de Durval Garcia, baseadas na obra de Érico Veríssimo, e *Negrinho do Pastoreio* (1973), de Antonio Augusto Fagundes, baseada em lenda relatada por Simões Lopes Neto.

Com a chegada do Super 8, nos anos 70, uma geração de cineastas começa a surgir trazendo novas temáticas, de caráter mais urbano. Podemos dizer que o super 8 nos 70 é muito parecido com o digital hoje. Na época, a Kodak lançou o sistema com a pretensão de possibilitar filmes caseiros, entretanto no RS, viu-se naquele instrumento a possibilidade de fazer arte, cinema de verdade. Daquela década, a Fundacine registra mais de 30 obras.

NECCHI (2005)⁸ diz que “as transformações culturais e sociais vividas em uma metrópole como a Porto Alegre dos anos 1970 acabaram por criar condições para que nas telas dos cinemas fossem projetados não apenas a estância e a bombacha, mas também o apartamento e o jeans”.

Em 1977, paralelamente ao Festival de Cinema de Gramado, ocorreu a primeira edição do Festival do Filme Super-8. A obra de Sérgio Lerrer, o documentário *História e música de Nelson Coelho de Castro*, co-realizado com Nelson Nadotti, marcou época em 1978 ao ser colocado em exibição comercial no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. Pela primeira vez os porto-alegrenses pagavam para assistir a um filme super-8. A partir daí, integrantes dos grupos Câmera-8 e Humberto Mauro reuniram seus trabalhos em temporadas comerciais.

Em 1979, por exemplo, o média-metragem *Meu primo*, de Carlos Gerbase, Hélio Alvarez e Nelson Nadotti – integrantes do Humberto Mauro –, e *Bicho-homem*, de Cláudio Casaccia e Tuio Becker – do Câmera-8 –, formaram um programa duplo no Teatro de Arena. O circuito alternativo para o super-8 estava consolidado, e o público e a crítica passaram a considerar mais o movimento. Antes, a presença na mídia praticamente inexistia, com exceção do espaço garantido pelo crítico Tuio Becker, que trabalhava no jornal Folha da Tarde e noticiava a exibição dos filmes. BRASIL apud NECCHI (2005:123)⁹ diz:

Rememorando o período, Giba Assis Brasil escreveu que os personagens de *Deu pra tí, anos 70* “falavam portoalegrês e gravitavam em torno da Redenção⁴⁹”. Na mesma época, as tradicionais salas comerciais exibiam o último filme de Teixeira, *A filha de Iemanjá*, o primeiro do artista que terminou sem um final feliz – a eterna musa do cantor, Mary Terezinha, retornava ao mar, enquanto ele chorava. “Alguma coisa estava mudando, a partir de um choque maior do que o simples conflito campo/cidade: o cinema gaúcho procurava um novo espaço – para refletir, para filmar, para ser exibido, para tocar as pessoas”, lembra.

Em 1981 Deu pra *tí, anos 70*, de Nelson Nadotti, na época com 23 anos, e Giba Assis Brasil, 24, se tornou um marco devido aos seus significados estético e político.

Ainda 1981, *Adiós, América do Sul*, de Sérgio Silva, e *226*, de Tuio Becker, foram premiados no 10º Festival Nacional do Filme Super-8 GRIFE (SP). *Adiós* ainda

⁸ Dissonância no pampa - A saga de Anahy de las Misiones na representação cinematográfica da identidade gaúcha – Dissertação de Mestrado, 2005, consultada em 18 de setembro 2007, disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/download/dissertacao_vitornecchi.pdf

⁹ Dissonância no pampa - A saga de Anahy de las Misiones na representação cinematográfica da identidade gaúcha – Dissertação de Mestrado, 2005, consultada em 18 de setembro 2007, disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/download/dissertacao_vitornecchi.pdf

faturou, em 1982, a medalha de prata no Festival Internacional de Cinema de Saint-Nazaire, na França.

A Kodak parou de fabricar o Super 8 em 1982, quando a película no formato já tinha tornado possível a constituição no Estado de um movimento dos mais expressivos. Surge a Z Produtora que, não obstante seu malogro empresarial, constituiu um marco com os três longas-metragens em 35 mm que lançou: *Verdes Anos* (1984), de Giba e Gerbase, *Me beija* (1984), de Werner Schünemann, e *Aqueles dois* (1986), de Sérgio Amon.

Como refere NECCHI (2005) “Em meados dos anos 80, não se via mais nas telas películas que estampavam histórias de mocinhos de bombacha, à la Teixeira” estava visto que após o Super 8, o estilo “urbano” permaneceu. A este respeito GIBA ASSIS BRASIL(1990) diz que:

Nos anos 80, fizemos muitos filmes, ganhamos alguns prêmios, testamos várias propostas de produção, formamos profissionais em algumas áreas. Mostramos a viabilidade do cinema gaúcho. Primeiro, inventamos um mercado em super-8. Quando a bitola se tornou insuficiente, provamos que podíamos fazer longas em 35mm. Quando o mercado de longas se mostrou hostil, ajudamos a renovar a dramaturgia do curta-metragem brasileiro. Nunca neste país uma geração de cineastas insistiu durante tanto tempo na criação de uma cinematografia regional.

Em 1985, nasce a Associação de Profissionais e Técnicos do Cinema – APTC, que se tornou a porta-voz dos cineastas gaúchos junto aos governos municipal, estadual e federal, ao poder legislativo e às associações empresariais, além de auxiliar o SATED e o Ministério do Trabalho na concessão de Registro Profissional de artistas e técnicos na área de cinema.

Em dezembro de 1987, foi criada por um grupo de cineastas gaúchos que já trabalhavam em conjunto desde o início dos anos 80 a Casa de Cinema de Porto Alegre. Em sua primeira fase, a Casa foi uma cooperativa de 11 realizadores, reunidos em quatro pequenas produtoras, que passaram a ter um espaço comum para trabalhar a distribuição dos filmes já realizados e o planejamento e realização dos próximos projetos. A partir de 1991, a Casa de Cinema de Porto Alegre se tornou uma produtora independente, com seis sócios, entre eles os cineastas Jorge Furtado, Giba Assis Brasil e Carlos Gerbase.

Em 1989, sem ligação com o pessoal do Super-8 nem com o cineclubismo, Jorge Furtado ganha o Urso de Ouro para curta-metragem no Festival de Berlim com *Ilha das Flores* e dá início ao trabalho na televisão e no cinema.

GIBA ASSIS BRASIL(1995:131), coloca num relato pessoal a dificuldade que foi não desistir de fazer cinema, durante esses anos.

Desistimos de fazer super-8, que havíamos aprendido a tornar até lucrativo, porque a indústria do vídeo no Brasil decidiu que o super-8 não tinha mais razão de ser. Desistimos de fazer filmes de longa-metragem para o grande mercado, onde chegamos a ensaiar algumas tentativas nem tão desastrosas assim, simplesmente porque o grande mercado de cinema no Brasil não está interessado em cinema brasileiro, que dirá gaúcho. Desistimos de fazer curtas em 35 mm, formato em que chegamos a ter destaque internacional, inovando e ganhando prêmios, porque, parece, caiu um muro em algum lugar e a Lei do Curta, que criava o mercado que mantinha a produção, ficou fora de moda. Desistimos de fazer 16 mm porque os laboratórios brasileiros, compreensivelmente, não estão equipados para lidar com tecnologias de baixo custo. Só não desistimos de fazer cinema.

O autor afirma que 54 diretores gaúchos estrearam de 1980 a 1995, mas só 26 destes diretores chegaram ao segundo filme, 11 ao terceiro e apenas cinco ao quarto filme. Dos cineastas que já haviam realizado filmes antes de 1980, apenas quatro filmaram mais de uma vez desde então. Para ele “O cinema gaúcho, aparentemente, está mais aberto à renovação que à herança, o que não é bom: como sabemos, só conjugando herança e renovação é que se pode falar em cultura” (id.ibid:135).

Na década de 90 temos que considerar duas vertentes importantes na história do cinema nacional e gaúcho: inicia-se a retomada do cinema com a Lei do Audiovisual (aprovada em 1993) e acontece a segunda indicação de um filme brasileiro ao Oscar de Melhor Filme Estrangeiro, *O Quatrilho* (1995), de Fábio Barreto, Antes dele apenas *O Pagador de Promessas*, de 1962, havia sido indicado.

Baseado numa história real, o filme se passa no ano de 1910, numa comunidade rural no Rio Grande do Sul, habitada por imigrantes italianos. Dois casais muito amigos se unem sob o teto de uma mesma casa. O tempo faz com que a esposa de um marido se interesse pelo marido da outra. Ambos decidem fugir e recomeçar nova vida, deixando para trás seus parceiros. Embora o filme não seja dirigido por um gaúcho, ele retrata uma história local e suas filmagens foram realizadas no município de Farroupilha, na cascata do Salto Ventoso, RS.

De 2000 para cá, a Casa de Cinema lançou seis longas com projeção nacional: *Tolerância* (2000) e *Sal de Prata*(2005), de Carlos Gerbase; *Houve uma Vez Dois*

Verões (2002), *O Homem que Copiava* (2003), *Meu Tio Matou um Cara* (2004) e *Saneamento Básico* (2007), de Jorge Furtado.

3.1 INCENTIVOS NO RIO GRANDE DO SUL

Além de os sistemas analógico e digital terem um custo relativamente baixo comparado ao cinema, no Brasil é relevante ressaltar que a aceleração das produções, sejam audiovisuais ou cinematográficas, praticamente coincidem em dois aspectos: o avanço das tecnologias e uma nova política federal voltada para o cinema.

A partir de 1993, após o processo de *impeachment* de Fernando Collor de Mello, estabeleceu-se uma nova política federal voltada para o cinema, cuja base foi definida pelo Governo Itamar Franco e continuada nos dois mandatos do presidente Fernando Henrique Cardoso. É preciso lembrar que Collor, em 1990, pôs fim à Empresa Brasileira de Filmes (Embrafilme) e à política de apoio ao cinema aplicada durante 26 anos, com recursos girando em torno a US\$ 10 milhões anuais. A empresa fora responsável pela produção, lançamento e distribuição, em média, de 30 longas-metragens por ano. Durante o curto período desse governo a produção cinematográfica brasileira caiu praticamente a zero.

ALMEIDA E BUTCHER(2003:24-25) esclarecem esta política:

Seu conceito primordial foi o da renúncia fiscal, com a utilização de duas leis: a de número 8.685, aprovada em 20 de julho de 1993 (chamada Lei do Audiovisual), e a de número 8.313, de dezembro de 1991 (conhecida com Lei Rouanet, e que, apesar de ter sido criada durante o Governo Collor, só passou a ser efetivamente utilizada depois de 1993). Ambas as leis permitem às empresas que o dinheiro investido na produção de filmes brasileiros seja deduzido de seus impostos. A Lei do Audiovisual tem dois dispositivos principais: o artigo 1º determina que as empresas podem deduzir até 3% do total de seu imposto de renda; o artigo 3º, por sua vez, incentiva as distribuidoras estrangeiras a investir na produção nacional, permitindo a dedução de até 70% do imposto sobre a remessa de rendimentos para o exterior.

O Estado do Rio Grande do Sul cria algumas formas de incentivo às produções audiovisuais e cinematográficas gaúchas, seja através de leis, entidades ou festivais. Alguns anos depois da Lei do Audiovisual (1993) ser aprovada, de acordo com Ministério da Cultura, a Lei de Incentivo a Cultura (nº 10.846) instituiu em 19 de agosto de 1996 o Sistema Estadual de Financiamento e Incentivo às Atividades Culturais. Este prevê a compensação de recursos destinados ao pagamento do Imposto sobre Operações relativas à Circulação de Mercadorias e sobre Prestações de Serviços de Transporte

Interestadual e Intermunicipal e de Comunicação (ICMS), por parte de empresas interessadas em financiar projetos culturais e contempla diversas áreas, incluindo o cinema, conforme destaca a Lei:

Podem ser beneficiados, pela lei, projetos culturais nas áreas de artes plásticas e grafismo, artes cênicas e carnaval de rua, cinema e vídeo, literatura, música, artesanato e folclore, acervo e patrimônio histórico e cultural. Os projetos culturais habilitados a receber incentivos deverão ser apresentados à Secretaria Estadual da Cultura, de acordo com o disposto pela regulamentação da Lei. O Conselho Estadual de Cultura definirá aqueles considerados prioritários, aprovando-os segundo critérios de relevância e oportunidade definidos previamente e publicados em resolução específica, de modo a possibilitar que sejam contemplados, equitativamente, todas as regiões do Estado. (id.ibid)

No Rio Grande do Sul, desde 1973 o Festival de Cinema acontece na cidade de Gramado, destinado à exibição e mostra competitiva de filmes nacionais e estrangeiros realizados em película. No ano de 1993, o já clássico festival abre paralelamente, o I Gramado Cine Vídeo para produções feitas em vídeo. Com o mesmo propósito competitivo esse festival do audiovisual se divide nas seguintes categorias: Categoria Vídeo Independente Brasileiro; Categoria Televisão Universitária Brasileira; Categoria Vídeo Universitário Brasileiro; Categoria Vídeo Universitário Gaúcho.

Com a figura de um cavalo voador, o prêmio deste festival busca, segundo seu site oficial, representar o vídeo e o cinema utilizados em TVs de sinal aberto, a cabo e internet, adota-se o Galgo Alado como marca. “Mágico, nobre e elegante, é o símbolo da rapidez e da percepção, qualidades necessárias às modernas mídias eletrônicas.”

Em 1998 é criada a Fundação Cinema do Rio Grande do Sul (Fundacine). É também um elemento potencializador da atividade no Estado, resultado direto da ação política desenvolvida há duas décadas por cineastas, profissionais e empresas de cinema, desde a criação da Associação Profissional de Técnicos Cinematográficos. A Fundação é uma parceria que reúne iniciativa privada, Estado, produtores e exibidores cinematográficos do Rio Grande do Sul. Seus objetivos são a criação de mecanismos de fomento e suporte à produção cinematográfica e audiovisual, às suas distribuição e exibição, à qualificação dos agentes do setor, à promoção do cinema e à formação de públicos espectadores, bem como a preservação da memória audiovisual.

A Fundacine é gerida por um Conselho Curador, integrado pelas seguintes instituições: Sindicato das Empresas Exibidoras Cinematográficas – RS (APTC/ABD-RS), Sindicato da Indústria Audiovisual (SIAV-RS), Federação das Associações

Comerciais e de Serviços do Rio Grande do Sul (Federasul), Rio Grande Energia (RGE), Fundação Cultural Piratini/Rádio e Televisão (TVE-RS), Rede Brasil Sul de Telecomunicações (RBS TV), Pontifícia Universidade Católica do RS (PUC/RS), Banco Regional de Desenvolvimento do Extremo Sul (BRDE), Serviço Social do Comércio (SESC), Governo do Rio Grande do Sul – Secretaria de Estado da Cultura, Instituto Estadual de Cinema (IECINE), Prefeitura de Porto Alegre – Secretaria Municipal de Cultura, Coordenação de Cinema, Vídeo e Fotografia (CCVF). A Fundacine teve um efeito importante na produção audiovisual do Rio Grande do Sul. NECCHI (2005,128) destaca que:

Esse organismo nasceu com o propósito de impulsionar o desenvolvimento da indústria cinematográfica e audiovisual no Estado, mobilizando tanto a iniciativa privada, quanto o poder público. Fruto desta articulação, a Fundacine é responsável pelo surgimento de concursos que, nos anos 1990 e na primeira década do século 21, impulsionaram a atividade. Um deles é o Prêmio RGE de Cinema.

E, falando em memória visual, cabe destacar que o Setor de Cinema do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa, localizado em Porto Alegre, ao longo de seus 30 anos de existência, participa da história do cinema gaúcho, através da conservação tanto de documentários produzidos no Estado desde finais da década de 1940 — são cerca de 12.000 títulos — quanto de aparelhos cinematográficos antigos. Também preserva, em seu rico acervo, cartazes, folhetos publicitários e periódicos — testemunhos impressos da trajetória de seus realizadores. É por meio deles que o setor de cinema, e a instituição que ele compõe, conta sua própria história.

No entanto, um dos grandes incentivos à produção gaúcha, começa em 1998, partindo da empresa Rio Grande Energia (RGE), um dos maiores investidores brasileiros no cenário audiovisual. A RGE, em parceria com o Governo do Estado do Rio Grande do Sul e a Fundacine, criou o Prêmio RGE Governo RS de Cinema, um concurso bi-anual pelo qual são premiados três projetos de longa-metragem, cada um com 300 mil dólares. Tendo em vista fomentar a produção cinematográfica no Estado, o Prêmio contempla apenas as produtoras de cinema e diretores sediados no RS. No entanto, outros profissionais envolvidos, como roteiristas, artistas e demais profissionais técnicos, independentemente de sua localidade, podem integrar a equipe dessas produções. Isso possibilita um intercâmbio técnico-profissional. Além do Prêmio, a RGE é um parceiro importante na realização do RodaCineRGE, que leva o cinema às cidades do interior do Estado que não têm salas de exibição.

De acordo com a Associação de Profissionais e Técnicos do Cinema (APTC) em nota divulgada no ano de 2000, houve nos anos 90 um “boom” na produção cinematográfica gaúcha. Incentivados por prêmios e concursos como o FUMPROARTE (âmbito municipal), o Prêmio IECINE de Curta Metragem (âmbito Estadual) e o Concurso Anual de Curtas do MINC (âmbito nacional), além de leis de incentivo à cultura, o cinema local tem experimentado uma curva ascendente.

Em levantamentos junto ao FUMPROARTE e ao IECINE, a APTC constatou nos concursos realizados, um interesse que levou 48 e 55 projetos, respectivamente, a inscreverem-se nos dois concursos no ano de 1999.

Segundo a Associação, o número de filmes em produção no Estado na década de 90 foi:

ANO	35 mm	16 mm	Super-8
1995	05 filmes	01 filme	---
1996	05 filmes	03 filmes	---
1997	05 filmes	05 filmes	03 filmes
1998	05 filmes	04 filmes	14 filmes
1999	07 filmes	04 filmes	24 filmes
2000	16 filmes	08 filmes	12 filmes

[2000]

Além dos citados, afirmam que houve mais um longa em 1995, dois longas em 97 e, em 2000, nove longas em produção e finalização. Em nota divulgada na mesma pesquisa a APTC(1995) afirma que:

Com uma produção que tem se igualado e, em alguns festivais nacionais, superado os tradicionais centros de produção audiovisual, como Rio e São Paulo, o cinema gaúcho tem se deparado com três carências básicas: a parca exibição de nossos filmes no interior do estado; a falta de

uma documentação que resuma a produção anual; e o não reconhecimento dos profissionais da área e seus trabalhos, através de uma premiação anual abrangente.

A pesquisa realizada pela Fundacine de produções realizadas no RS de 1990 a 1999 contabiliza mais de 100 produções. De 2000 a 2005, foram 131 produções gaúchas. Para o pesquisador NECCHI(id.ibid:14):

O valor destas questões amplia-se se for levado em conta que a indústria audiovisual do Rio Grande do Sul consolidou-se como a terceira maior do país e mantém um nível de produção regular, com tendência de crescimento. Ou seja, cada vez mais o cinema firma-se como um processo midiático fundamental para o entendimento das identidades, devido à sua importância como bem simbólico na constituição de subjetividades e ao crescimento do número de produções num mercado em expansão.

Outro grande incentivo às produções locais parte das emissoras regionais, tanto públicas quanto privadas, é o caso especial da RBS e da TVE/RS.

Em março de 2000, a RBS, com uma nova proposta na programação regional passa a veicular os curtas-metragens produzidos, independentemente, por diretores e outros profissionais gaúchos, num projeto denominado *Curtas Gaúchos*. A pesquisadora HINERASKY (2004:35) em sua dissertação lembra que:

A série Curtas Gaúchos foi a experiência de um programa novo no ar, lançada apenas para cobrir um espaço vago na programação da Rede regional por quatro meses. Foi um projeto experimental, que iria inicialmente acontecer para verificar a reação do público e do mercado publicitário (anunciantes). Os índices do Ibope foram surpreendentes, segundo os profissionais da emissora, e, já na primeira edição, o Rio Grande do Sul era o único estado em que a programação regional, neste horário, superava a Rede Record, que na época exibia o programa Raul Gil, de veiculação nacional.

Segundo a pesquisadora, foi após a experiência bem sucedida de contratar profissionais de fora da emissora para realizar a *Retrospectiva de 98* e os episódios dos *Vinte Gaúchos que marcaram o Século XX*, esta experiência (curtas gaúchos) que a RBS em parceria com a Casa de Cinema de Porto Alegre convidou quatro profissionais de acordo com a agenda, datas e estilos para a realização dos Contos de Inverno. Desde então a emissora realiza concursos anualmente, além de criar diferentes séries que mesclam dramaturgia e documentário para retratar o cotidiano dos gaúchos.

A RBS já lançou séries como *A ferro e Fogo – Tempo de Solidão*, *Histórias Curtas*, *Cinco Vezes Erico*, *A conquista do Oeste*, *Aventura*, *7 pecados*, *Teixeirinha Especial*, *Ordem e Progresso*, *Continente de São Pedro*, *20 Gaúchos que Marcaram o Século XX*, *Mundo Grande do Sul*, *Fábulas Modernas*, *Festa de Casamento*, *Amor de*

Mãe, Quintana Anjo Poeta, Minha História de Natal, Tholl Imagem e Sonho, Fundo do Mar, Viajantes, Antártida, Pé na porta, entre outros.

A Televisão Educativa do Estado (TVE/RS) também estimulou a produção audiovisual regional e local através dos projetos: *TV Cine* e *Histórias do Sul*. O *TV Cine* começou a ser exibido em 2001, com a veiculação de curtas-metragens gaúchos, entrevistas, debates, *making-offs* e matérias sobre a cinematografia nacional e estadual.

A série *Histórias do Sul*, feita em 2002 através de uma parceria entre a emissora, o Banco do Estado do Rio Grande do Sul (Banrisul) e a Fundacine, selecionou cinco produtoras (das 17 inscritas) e obras consagradas de autores gaúchos que adaptou para a TV. Cada uma das produtoras responsáveis recebeu entre R\$ 60 e 80 mil para a realização de curtas-metragens com cerca de 25 minutos de duração.

Percebe-se desta forma, que os gaúchos se interessam em ver a sua história retratada de alguma forma. Seja ficção ou documentário, a preservação da identidade forte do Estado está refletida através da audiência que programas das emissoras citadas e longas-metragens gaúchos possuem.

Além da contribuição do governo e empresas privadas, a produção independente cresce e está presente em festivais como Cine Vídeo de Gramado e o Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria.

É importante ressaltar também que algumas faculdades de comunicação incluem disciplinas de cinema em sua grade curricular, facilitando ainda mais as produções acadêmicas. Cursos universitários direcionados para o audiovisual em si, também fomentam a cena cinematográfica do RS.

Em Santa Maria, as universidades são os principais pontos de partida para realização de produções, sejam elas por alunos ou até mesmo funcionários e professores das instituições.

Os diversos recursos tecnológicos, além de proporcionarem um cinema mais barato, fomentam os incentivos às produções audiovisuais e conseqüentemente às produções locais. É possível comparar a chegada do digital, hoje, com a chegada do super-8 na década de 70, quando fazer cinema parecia algo mais democrático, uma vez que a tecnologia se tornara mais acessível.

No próximo capítulo, serão explicados os caminhos da pesquisa, procedimentos metodológicos da investigação, no intuito de mostrar como foram coletados e apresentados todos estes dados e informações.

4 METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa qualitativa em relação à história, entrevistas e personagens do cenário audiovisual de Santa Maria, e tem como base a metodologia da História Oral, a Coleta de Dados, além da pesquisa de outros dados escritos. No entanto, o método de pesquisa quantitativa será empregado no levantamento dos números de produções inscritas no Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria (SMVC), avaliando se há um crescimento no período de 2002 a 2007.

É necessário também apontar ser esta uma pesquisa na área jornalística que se utiliza de entrevistas para contar uma história e, por isto, é importante relacionar a metodologia da história oral com procedimentos utilizados pelo jornalismo nas entrevistas. Ou seja, é relevante considerar a história oral como instrumento de pesquisa.

De acordo com o Centro de Pesquisa e Documentação da História Contemporânea do Brasil (CPDOC), história oral “é uma metodologia de pesquisa que consiste em realizar entrevistas gravadas com pessoas que podem testemunhar sobre acontecimentos, conjunturas, instituições, modos de vida ou outros aspectos da história contemporânea”.

O CPDOC informa que as entrevistas de história oral são tomadas como fontes para a compreensão do passado, ao lado de documentos escritos, imagens e outros tipos de registro. Ou seja:

Caracterizam-se por serem produzidas a partir de um estímulo, pois o pesquisador procura o entrevistado e lhe faz perguntas, geralmente depois de consumado o fato ou a conjuntura que se quer investigar. Além disso, fazem parte de todo um conjunto de documentos de tipo biográfico, ao lado de memórias e autobiografias, que permitem compreender como indivíduos experimentaram e interpretam acontecimentos, situações e modos de vida de um grupo ou da sociedade em geral. Isso torna o estudo da história mais concreto e próximo, facilitando a apreensão do passado pelas gerações futuras e a compreensão das experiências vividas por outros. (mimeo:sd)

No que se refere à relação da história oral com entrevistas jornalísticas, JOËLLE ROUCHOU [2000:176] lembra que se historiadores descobrem “as delícias da entrevista como fonte primordial para a pesquisa histórica, os jornalistas utilizam os depoimentos como matéria principal para as reportagens”.

ROUCHOU [id ibid:183] situa três divisões de pesquisa relacionadas à História Oral:

A História Oral oferece várias possibilidades, entre elas: História Oral de vida; História Oral temática e Tradição Oral. Na primeira categoria, a narrativa é o ponto mais importante, onde o testemunho é a fonte de riqueza e de análise. Evita-se fazer perguntas, o que vai interessar é o que o entrevistado vai contar. No caso da História temática, levanta-se um fato, um acontecimento, e as entrevistas com as testemunhas, participantes ou simples espectadores do acontecimento vão limitar seu discurso àquele fato. Já a tradição oral é literatura oral, que se reporta a toda oralidade transmitida oralmente. Elas também podem ser utilizadas uma dentro da outra como, por exemplo, trabalhar a tradição oral das baianas no carnaval.

Com base na classificação da pesquisadora esclarecemos que esta pesquisa apóia-se na História Oral Temática. Não pretendemos contar a história de vida dos entrevistados, mas sim partes de suas vidas no que se encontram com o contexto desta pesquisa. Ou seja, o momento em que realizaram alguma produção ou contribuição para a história do cinema e do audiovisual de Santa Maria.

SUELY MACIEL em seu artigo “História oral e as fronteiras com o jornalismo: A possibilidade metodológica e proposta de um novo fazer”, ao relacionar história oral com a pesquisa jornalística afirma que “o diálogo entre a História Oral e a pesquisa e a práxis jornalísticas pode e deve ser estabelecido, dada a similaridade metodológica, temática e de propósitos entre os dois campos” [2007]. Para ela a história oral é um processo mais dialógico e mais democrático, no entanto devem ser preservadas e resguardadas as particularidades do trabalho do oralista, sob o risco de este ser transformado em mero 'apêndice instrumental' para a obtenção de dados na reconstrução histórico-memorialista do Jornalismo e/ou da trajetória de jornalistas.

PAUL THOMPSON (1992:254) afirma que “há muitos estilos diferentes de entrevista, que vão desde a que se faz sob a forma de conversa amigável e informal até o estilo mais formal e controlado de perguntar”. Nesta pesquisa, a conversa “amigável e informal”, embora pareça despreziosa, procura investigar com seriedade uma parte da história cultural de Santa Maria.

Sendo assim, a base desta pesquisa são pessoas da história do cinema e audiovisual de Santa Maria que, de alguma forma, colaboraram no fomento da produção local. Sendo assim, decorre de seus feitos e depoimentos.

Em relação à análise qualitativa e quantitativa TIM MAY(2004:224) no capítulo que trata sobre pesquisa documental, diz que:

A análise qualitativa do conteúdo começa com a idéia de processo, ou contexto social, e vê o autor auto-consciente que se dirige a um público em circunstâncias particulares. A tarefa do analista torna-se uma “leitura” do texto em termos e seus símbolos. Com isso em mente, o texto é abordado a partir do contexto da sua produção pelos próprios analistas.

Em relação ao método quantitativo, MAY lembra que “o método considera o produto e diz pouco do processo”. Ele esclarece:

No contexto dessa discussão ele trata somente do que foi produzido, não das decisões que informam a sua produção, as quais nos dizem tanto sobre os seus significados recebidos e pretendidos. Levanta-se um problema empirista, pois ele trata somente da informação que pode ser medida e padronizada por essa razão, considera somente os dados que podem ser simplificados em categorias. [id.ibid. 223,]

Lembramos que o método qualitativo se aplica às entrevistas realizadas e à seleção e coleta de dados; já o quantitativo, ao número de produções locais inscritas no Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria, de 2002 a 2007, comparando os períodos.

Outra técnica utilizada é a Coleta de Dados de documentos históricos, reportagens e até mesmo material em vídeo relacionado com o tema. Para isso, SUELY DESLANDES(2004:43) aponta caminhos:

Devemos definir técnicas a serem utilizadas tanto para a pesquisa de campo (entrevistas, observações, formulários, história de vida) como pesquisa suplementar de dados, caso seja utilizada pesquisa documental, consulta anuários, censos. Geralmente se requisita que seja anexado ao projeto o roteiro dos instrumentos utilizados em campo.

Para isso, além do arquivo pessoal dos entrevistados, materiais de arquivos dos jornais locais também foram consultados, assim como eventuais publicações extras.

Em relação às entrevistas realizadas, utilizamos o sistema de entrevista semi-estruturada no intuito de que determinadas questões fossem debatidas por todos entrevistados. Conforme TRIVIÑOS (APUD LEME, 2006, 51), a entrevista semi-estruturada é:

[...] aquela que parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses, que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante” (1987, p. 146).

Neste caso, nos interessou questionar a todos entrevistados, como pensam o cenário cinema/vídeo de Santa Maria.

5. SITUANDO SANTA MARIA

Santa Maria é uma cidade que fica no interior do RS, chamada também de “Coração do Rio Grande” por sua localização central. Possui cerca de 243.396 habitantes e uma população urbana de 230.468. Também é considerada uma cidade universitária por manter sete instituições de ensino superior, entre elas a Universidade Federal de Santa Maria, criada em 1960, e o Centro Universitário Franciscano (Unifra) fundada em 1955.

Devido à localização estratégica da cidade no centro do Rio Grande do Sul, Santa Maria, em decorrência da implantação da estação férrea, viveu um “boom” cultural, com companhias de teatro e operetas que, vindas do centro do país em direção a Buenos Aires e Montevideú – e vice-versa – faziam apresentações aqui. A historiadora CORREA (2003:216) afirma que:

A história de Santa Maria é dividida em três períodos, sendo o primeiro, o período em que o núcleo urbano esteve vinculado às atividades militares de fronteira, o segundo, quando se torna centro da malha ferroviária do Rio Grande do Sul e passa a ser alvo de grande modernização urbana, e o terceiro, que, com a instalação da Universidade Federal de Santa Maria, a primeira universidade federal em uma cidade do interior, dá à cidade o perfil de cidade universitária.

Santa Maria foi a segunda cidade do Estado a possuir luz elétrica, fato que contribuiu para o desenvolvimento de uma cultura teatral, cinematográfica e fonográfica. Segundo BELTRÃO (apud Silva, 2007) a primeira exibição de um filme na cidade ocorreu em 1889, apenas três anos após a primeira sessão pública de cinema, realizada em Paris.

Com a chegada da viação férrea, a partir de 1885 o tráfego diário de trens de passageiros e de cargas provocou a instalação de importantes casas comerciais, escolas, igrejas, salas de projeção de filmes, oficinas de artesãos, bares, depósitos, escritórios, hotéis e residências, no entorno da Gare, situada na Avenida Progresso, hoje Avenida Rio Branco.

As salas de projeção de grande porte da cidade começam no início do século: o Cine Coliseu, inaugurado em 1911, e o Cine Independência, em 1922. No final da década de 30, surge o Cine Imperial. Mais tarde, em 1954, foi inaugurado o Cine Glória, no local onde era o antigo Cine Coliseu. Já nos anos 80, neste mesmo espaço, mais uma sala é inaugurada, o Cine Glorinha. O Festival de Vídeo e Cinema de Santa

Maria ainda destaca o Cine Odeon, que funcionou pouco antes da metade do século XX em local anexo ao Clube Caixeiral.

De acordo com pesquisa realizada pelo Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria, a cidade é, desde o final do século XIX, referência cultural do Rio Grande do Sul.

Ainda no começo do século XX, surge um dos primeiros — se não o primeiro — apaixonados por cinema da história de Santa Maria, o Irmão palotino Ademar Rocha. O Irmão Ademar, como é popularmente conhecido, ganhou em 1915 um mini-projetor de seu pai e o interesse que tinha por fotografia e cinema só se desenvolveu. Em 1940, compra um projetor Paillard 16mm mudo.

O Irmão Ademar não queria apenas entender aquelas máquinas, mas também projetar a quem pudesse, os filmes que via. Nesta década, ele alugava os filmes e apresentava na tela grande com uma lâmpada de 500 watts. Quando foi transferido para Faxinal do Soturno, levou o cinema para toda região da Quarta Colônia.

Os prospectos do Santa Maria Vídeo e Cinema (SMVC-2002) também lembra que Irmão Ademar possuía um projetor cinematográfico de 35 mm. Ademar Rocha, em entrevista concedida a ELOÍSA KLEIN (2004), lembra:

Naquele tempo não havia muitas casas com telefone e o deslocamento também era ruim. Por isso eu planejava tudo com antecedência e, para avisar as comunidades das sessões fazia programas impressos em Faxinal. Os convites diziam: “Cine Educativo apresenta”. Então vinha o nome do filme com um resuminho, a sinopse. Depois de impressos, mandava os papéis para a paróquia, e lá tinha alguém encarregado de avisar a comunidade sobre cinema. Às vezes eu também fazia um cartaz maior.

Na terceira edição do SMVC, antes da premiação, foi exibido um documentário intitulado *Vida de Projeção*, que conta a trajetória de Irmão Ademar Rocha, um dos homenageados locais daquela edição. Após a exibição deste, Irmão Ademar Rocha recebeu das mãos do prefeito Valdeci Oliveira, o troféu Vento Norte, deixando a seguinte mensagem: “Sejam úteis até o fim da vida”. O irmão Ademar faleceu em setembro de 2006, com 102 anos de vida, mesmo ano de criação, em Faxinal do Soturno, cidade onde morou de 1947 a 1983, de um cineclube com seu nome. Devido à morte do Irmão, a prefeitura de Santa Maria, decretou luto oficial de 3 dias, assinado em 19 de setembro de 2006.

Para MACEDO (apud Silva, 2007), os anos 50 são marcados pela atuação da Igreja Católica na formação de novos públicos de cinema em todo o Brasil. Em 1952, chega ao país uma missão do Ofício Católico Internacional do Cinema (OCIC) para dar cursos e seminários e estimular a criação de cineclubes nas instituições ligadas à Igreja. Nessa época, os filmes serviam principalmente de suporte para discussão de questões morais, segundo os preceitos do catolicismo. Em Santa Maria, foi criado um cineclubes coordenado pela Ação Católica, outro no Colégio Santa Maria e um terceiro no Seminário São José.

A atividade cineclubista surgiu em 1951 com a fundação do Clube de Cinema. Edmundo Cardoso, junto a Luiz G. Schleininger, Wilson Aita, Dr. Luiz Bolick, Victor Camargo, Salvador Isaia, Guido Isaia, Edna Mey Cardoso, Bortolo Achutti, foram os responsáveis por um dos principais redutos de cultura cinéfila na cidade. O local foi ponto de chegada de grandes atores que passaram por Santa Maria. Ela funcionou regularmente todas as segundas-feiras no antigo Centro Cultural, no prédio do Theatro Treze de Maio, no período de 1951-1962.

Segundo consta em documentos do Acervo de Edmundo Cardoso, que também foi um dos fundadores da Escola de Teatro Leopoldo Fróes, um dos mais importantes grupos de teatro amador do Estado, encenando mais de 40 peças, todos os sócios do Clube do Cinema recebiam em casa a programação do mês. Os filmes eram organizados em ciclos temáticos, como épico, cinema italiano neo-realista, histórico, semi-documentário e romântico, escolhidos por Edmundo Cardoso e os participantes. O acervo era composto por filmes de 35mm e 16mm, que vinham, principalmente, de Porto Alegre e do centro do país. Vale lembrar que CORREA (id.ibid:216) diz:

O mundo dos espetáculos em Santa Maria é marcado por duas atividades que se assemelham e se distanciam quanto ao propósito de proporcionar lazer e cultura: teatro e cinema; aquele, produzido de forma artesanal e este, em escala industrial. O cinema foi avançando e ocupando o espaço cênico, o que acabou encurralando o teatro, cujas peças precisavam ser encenadas em palcos emprestados pelos cine-teatros. O golpe maior, todavia, ainda estava por vir, quando, na década de 50, foi introduzida a televisão no Brasil, que, sendo de usufruto privado, retirou as pessoas do circuito social da cultura.

Em 1962 foram filmadas em Santa Maria algumas cenas do longa-metragem *Os Abas Largas* (35 mm, longa, 1964), de Sanin Cherques, produzido pela Lupa Filmes com equipe do Rio de Janeiro. O filme mostra essencialmente o confronto entre a instituição e os traficantes de gado. Cenas de *Os Abas Largas* também foram rodadas em Porto Alegre, Tupanciretã, Camaquã, mas a maior parte no interior de Santa Maria,

onde talentos gaúchos foram revelados, dentre eles, Edmundo Cardoso, Edna May Cardoso e João Teixeira Porto, todos integrantes da Escola de Teatro Leopoldo Fróes.

O ator José Roberto, que fora trazido do Rio de Janeiro especialmente para interpretar o mocinho do filme, é gaúcho. Outros moradores da cidade atuaram como figurantes nesta produção. Em 1963, o Cine Independência de Santa Maria lotou na estréia do filme.

Ainda em 1962, o realizador Caneda, cinegrafista da TV Imembuí (atual RBS TV Santa Maria), filmou na cidade o média-metragem *A Ilha Misteriosa*, em 16mm.

No começo dos anos 70, o Centro Cultural, onde hoje funciona o Theatro Treze de Maio, em Santa Maria, abrigou cineclubistas interessados não somente em discutir cinema e questões estéticas, mas em produzir filmes. A chamada geração superoitista é formada, entre outros, por Pedro Freire Junior (presidente do Centro Cultural na época), Clênio Facin, Roberto Bisogno, Luiz Carlos Grassi e Sérgio Assis Brasil, que rodou filmes de ficção e documentário em 16mm e 35mm, muitos através da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Assis Brasil foi homenageado no 4º SMVC.

O SMVC recorda que a “A tradição da cidade na produção de imagens – ficção e documentário – acontece, de forma destacada”. Lembram que vários realizadores santamarienses produziram filmes de curta-metragem nas bitolas de Super-8, 16mm e 35mm e que grupos reuniam-se para produzir curtas, além de promover encontros e mostras de seus trabalhos. Outro homenageado pelo Festival, deste período, foi Luiz Carlos Grassi que junto com um grupo de produtores de cinema, realizou o primeiro Festival em Super-8 de Santa Maria, um dos primeiros do Brasil. Grassi fez mais de 10 filmes dos quais trabalhou na produção em sua maioria e foi homenageado no 5º SMVC.

Vale lembrar que em meio à ditadura, nos anos 70, também nasce o Cineclubes Lanterninha Aurélio. Foi fundado em meados de 1977 por estudantes da UFSM, é o segundo cineclubes mais antigo em funcionamento do Rio Grande do Sul. Desde o começo teve relação com a Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria (CESMA).

O Cineclubes Lanterninha Aurélio tinha contato com a EMBRAFILME e com a Distribuidora Nacional de Filmes do Conselho Nacional de Cineclubes (DINAFILME), esta última criada em 1976, durante a 10ª Jornada Nacional de Cineclubes, em Juiz de Fora, Minas Gerais. Macedo coisas expõe que ela estava ligada ao Conselho Nacional de Cineclubes e funcionava também como acervo de obras cinematográficas, algumas

pertencentes à Cinemateca Brasileira (SP) e cedidas pelo professor, crítico e cineclubista Paulo Emílio Salles Gomes.

Conforme CASSOL (APUD SILVA, 2007), o Otelo Cineclube foi um projeto apresentado ao Sindicato dos bancários de Santa Maria e região e durou até 1999, com sessões todos os sábados, na Sala de Vídeo do Sindicato, à rua Serafim Valandro. O nome, em homenagem ao ator brasileiro Grande Otelo, servia também para indicar uma preocupação com a exibição de filmes brasileiros. Além da entrada gratuita, era distribuído um informativo com a programação do mês e informações e notícias cinematográficas.

No entanto, as atividades cineclubistas cessam e o processo de rearticulação em Santa Maria inicia-se apenas em 2003, com a união de pessoas que fizeram parte dos cineclubes Lanterninha Aurélio, Otelo e Porão. Para reativar o cineclube Lanterninha foi desenvolvido o projeto Curtas nas Quartas que promoveu a projeção de curtas-metragens, no auditório da Casa de Cultura e, posteriormente, de longas-metragens, dando prioridade sempre para as produções nacionais. Esses primeiros passos de retomada das atividades também culminaram com a realização de sessões itinerantes por bairros e vilas da cidade.

Atualmente, o Cineclube Lanterninha Aurélio realiza suas atividades em sede própria, no auditório do Centro Cultural Cesma. Um espaço com 200 poltronas, o qual as pessoas freqüentam a fim de assistir a filmes de forma gratuita e participar de um debate no final das sessões. Suas atividades se realizam todas as quartas-feiras, às 19h. A cada mês é proposto um ciclo de filmes com uma temática diferente. A projeção de filmes não fica restrita somente ao auditório, são feitas sessões itinerantes em praças, escolas, comunidades rurais, bairros e em cidades da região. As atividades são desenvolvidas pela equipe formada por Luiz Alberto Cassol, Paulo Henrique Teixeira (coordenador do cineclube), Marcelo da Silva, Francele Cocco, Marcos Borba e outros.

Em 2003, foi criado por Daniela Pedroso, professora do curso de Publicidade e Propaganda, o Cineclube Unifra, ligado ao Centro Universitário Franciscano. Hoje ele é coordenado pelo professor Carlos Badke e desenvolvido por alunos do curso de Comunicação Social. O cineclube é uma atividade de extensão do curso e utiliza sala e equipamentos da instituição.

Em relação às produções audiovisuais na cidade, vale lembrar que em 1998, o *Vídeo Poema*, de Raquel Tonilo, realização local, foi premiado como Melhor Vídeo Experimental no Gramado Cine e Vídeo. Também da cidade, o documentário *Águas Dançantes*, de Luiz Alberto Cassol, com depoimentos de pessoas que freqüentavam os antigos cinemas de Santa Maria, foi exibido em festivais e na TV.

Ainda em 98, após um *workshop* no Otelto Cineclube, surge o Projeto Super-8 de Santa Maria, que em fevereiro de 1999, rodou o curta-metragem *O N.º Que Você Discou*, direção coletiva de Álvaro Nunes, Fernando Michelotti, Karine Bertani e Luiz Alberto Cassol. *O N.º Que Você Discou* também participou do Festival de Cinema de Gramado, dentro da Mostra Super-8.

No ano de 2001, o vídeo *4 Dias – História de Um Soldado*, do diretor Rondon de Castro, recebeu os prêmios de Melhor Direção e Melhor Fotografia no Gramado Cine Vídeo entre outros. Ainda em 2001, a diretora Kitta Tonetto teve seu curta *Amizade* selecionado para o projeto Histórias Curtas da RBS (Rede Brasil Sul de Televisão).

Outro destaque é a Oficina de Vídeo — TV OVO – TV Comunitária que produz vídeos na cidade e também trabalha em parceria com a TVE no programa *Povo Gaúcho*, de veiculação estadual. No ano de 2002 é criado o Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria- (SMVC).¹⁰

A Universidade Federal também produziu projetos como os vídeos *Cinza e Lili e o Monstro*, do diretor Sérgio Assis Brasil. A partir de 2002, nasce nesta o Curso de Extensão em Cinema Digital, mesmo ano em que se iniciam as gravações do longa-metragem *Manhã Transfigurada*, de Sérgio de Assis Brasil e em 2007, o longa *Hamartia – ventos do destino*, realização da UFSM, começa a ser rodado em novembro.

Um fato que vem provocando os santa-marienses é a cidade já ter contado com quatro salas de cinema e atualmente não possuir nenhuma. Apenas os cineclubes passam filmes ao público. Há hipóteses de que em novembro deste ano novas salas surgirão até 2008.

Vale lembrar que Santa Maria possui na TV a cabo, a TV Universitária – da Universidade Federal de Santa Maria – e a TV da Câmara – da Câmara de Vereadores, onde em seus programas há divulgação da cultura local.

¹⁰ Mais informações em subcapítulo específico.

Nos capítulos seguintes, destacamos cada um deles, conforme os objetivos propostos para dar conta da trajetória 2002-2007, começando pelos incentivos fiscais.

5.1. LEI DE INCENTIVO À CULTURA DE SANTA MARIA

No dia 29 de novembro de 1996 entrou em vigor a lei municipal nº 4017/96, mais conhecida como Lei de Incentivo à Cultura de Santa Maria (LIC-SM)¹¹, que "dispõe sobre incentivos fiscais para realização de projetos culturais, no âmbito do município de Santa Maria, e dá outras providências", como ela mesma diz.

Vale destacar nesta o Art. 2º que afirma que serão abrangidos por esta Lei as produções e eventos culturais, materializados através da apresentação de projetos, dentro das seguintes áreas: Música e Dança; Teatro, Circo e Ópera; Cinema, Fotografia e Vídeo; Literatura; Artes Plásticas e Artes gráficas; Folclore e Artesanato; Acervo de Patrimônio Histórico; Museologia; Bibliotecas.

No Art. 7º afirma-se que qualquer entidade da sociedade civil poderá ter acesso, em todos os níveis a toda documentação referente aos projetos culturais beneficiados por esta Lei. No Art. 8º que todas as obras resultantes dos projetos culturais beneficiados por esta Lei serão apresentadas, prioritariamente, no âmbito territorial do Município de Santa Maria, devendo constar a divulgação do apoio institucional da Prefeitura Municipal de Santa Maria e o nº. da Lei.

A Lei, aprovada em 1996, teve estabelecida apenas em 1999 sua Instrução Normativa (nº001/99)¹² que "Estabelece normas e procedimentos sobre a organização e funcionamento do Sistema Municipal de Incentivos às Atividades Culturais, criado pela Lei n 4017/96".

As normas estão divididas em seis capítulos, que tratam desde a natureza e finalidades dos projetos, prazos para a captação de recursos e prestação de contas.

Quem se interessa em fazer um projeto cultural, deve preencher formulários e orientações fornecidos pela Secretaria de Cultura. Após, é necessário aguardar aprovação ou readequação dos valores propostos. Se aprovado, o produtor cultural procura a prefeitura, onde é autorizado a captar dinheiro e impostos. Retira um

¹¹ Lei em anexo 02

¹² Normas em anexo 02

formulário para então buscar verba dos contribuintes. Com documentos em mãos, começa a busca por recursos que financiem o projeto pela LIC.

Na hora de pagar o imposto, o incentivador leva o certificado, que é o documento que garante o repasse de dinheiro para o projeto que escolheu. Com o certificado, a prefeitura renuncia a parte do imposto pago e destina o dinheiro para os projetos, dividido em 12 vezes, repassadas mensalmente. Desde sua regulamentação, na área de cinema e vídeo, esta lei aprovou mais de 20 projetos, confira a tabela abaixo:

<u>Projeto</u>	<u>Processo</u>	<u>Valor Total</u>	<u>Valor Aprovado</u>	<u>Valor Captado</u>
Longa-Metragem Manhã Transfigurada	005/00	R\$ 972.258,44	R\$ 291.677,53	R\$ 71.753,00
Curta-Metragem Última Trincheira	005/01	R\$ 26.170,60	R\$ 15.702,36	R\$ 2.600,00
Tv Ovo no Ônibus	019/01	R\$ 50.115,62	R\$ 45.104,05	R\$ 30.000,00
Curta-Metragem Vovó saiu da casinha	013/02	R\$ 18.399,75	R\$ 9.199,87	R\$ 8.500,00
Curta-Metragem Presente de Grego	044/02	R\$ 61.727,30	R\$ 15.000,00	R\$ 9.993,00
Santa Maria Vídeo e Cinema	045/02	R\$ 39.920,00	R\$ 39.920,00	R\$ 30.000,00
Documentário Mordaça Verde e Amarela	018/03	R\$ 41.272,30	R\$ 22.500,00	R\$ 9.085,26
Curta-Metragem Cinza e Vermelho	025/03	R\$ 39.894,60	R\$ 22.000,00	R\$ 22.000,00
Documentário Cabelos	036/03	R\$ 34.151,20	R\$ 19.000,00	R\$ 18.106,00
Memória das Comunidades	052/03	R\$ 27.400,00	R\$ 27.400,00	R\$ 18.811,90
História Real	061/03	R\$ 36.673,70	R\$ 25.000,00	R\$ 20.643,00
3º Santa Maria Vídeo e Cinema	097/03	R\$ 44.648,00	R\$ 44.648,00	R\$ 14.859,35
4º Santa Maria Vídeo e Cinema	054/04	R\$ 75.718,50	R\$ 50.000,00	R\$ 16.605,79
A Filha do Coronel	079/04	R\$ 36.560,00	R\$ 21.000,00	R\$ 11.084,00
Vento Norte	086/04	R\$ 41.980,00	R\$ 21.000,00	R\$ 1.215,75
Finalização do Filme Fome de Quê?	022/06	R\$ 26.268,00	R\$ 23.000,00	R\$ 15.172,48
5º Santa Maria Vídeo e Cinema	027/06	R\$ 62.020,00	R\$ 50.000,00	R\$ 38.660,00
Longa-Metragem Clô, Dias e Noites	036/06	R\$ 260.487,00	R\$ 74.725,00	R\$ 74.721,00
Claquete Usina de Imagem — Cine Itinerante	042/06	R\$ 19.542,72	R\$ 19.542,72	Sem captação
Dvd Estação Cinema e as Prod.Santa-Marienses	045/07	R\$ 8.633,00	R\$ 7.000,00	R\$ 7.000,00
6º Santa Maria Vídeo e Cinema	047/07	R\$ 86.750,00	R\$ 50.000,00	R\$ 35.850,00
Dvd 6º Santa Maria Vídeo e Cinema	048/07	R\$ 7.350,00	R\$ 6.000,00	R\$ 1.650,00
Um Deserto no Pampa	052/07	R\$ 9.000,05	R\$ 9.000,05	R\$ 8.000,00

Curta-Metragem Desventuras Estudantis	081/07	R\$ 39.825,72	R\$ 25.000,00	Sem captação
		R\$ 2.066.766,30	R\$ 933.419,58	R\$ 466.310,53

Humberto Zanatta, atual Secretário de Cultura de Santa Maria ao falar sobre a Lei de Incentivo a Cultura, os passos de um projeto e números de 2007, relata que:

O primeiro passo é que o empreendedor cultural, ou agente cultural se credencie, tanto pessoas físicas quanto empresas, entidade civil. O segundo passo é a elaboração dos projetos dentro daquelas áreas que são permitidas pela lei e além disso com aquele enfoque preferencialmente ou eminentemente cultural, artístico. Então a partir disso o projeto, nós estamos abrindo edital uma vez por ano, razão de que os recursos se mantêm em torno de um milhão, que são os recursos disponibilizados pela lei e os projetos que nos primeiros anos não chegaram ao valor de quatrocentos mil, os primeiros anos não chegaram às vezes ao valor de cem mil reais, nos últimos anos tem superado a marca de um milhão através das leis. Para 2007 foram aprovados valores acima de dois milhões e quatrocentos mil, quando a marca da nossa lei era de um milhão, então só por ai, por valores de projetos nós chegamos a superar um milhão e quatrocentos mil. Então claro que a partir das inscrições desse projeto nós temos uma comissão normativa que avalia os projetos formada por onze pessoas, onde estão todas as áreas que a lei permite incentivar e representar a partir disso numa primeira análise. (entrevista em anexo)

Em outubro de 2007, o jornal Diário de Santa Maria noticiou que neste ano 94 projetos culturais se inscreveram pela LIC, aguardando aprovação. Só a sua soma ultrapassa 4 milhões de reais, mas como já foi dito por Zanatta, a LIC não pode ultrapassar o orçamento de 1 milhão de reais, no entanto este ano ultrapassou. A notícia do jornal também afirma que entre projetos não aprovados e que não captaram nada, houve 37 em 2007. Assim, 57 projetos captaram R\$ 840.0861,75 até o momento da reportagem em 15/10/07.

5.2 ESTAÇÃO CINEMA – ASSOCIAÇÃO DE PROFISSIONAIS E TÉCNICOS DE VÍDEO E CINEMA DE SANTA MARIA

A Estação Cinema – Associação dos Profissionais Técnicos de Cinema e Vídeo de Santa Maria, veio a marcar época junto com as filmagens, em mesmo ano, do longa-metragem *Manhã Transfigurada* de Sérgio de Assis Brasil e a primeira turma do Curso de Extensão em Cinema Digital (UFSM), coordenado por Rondon de Castro.

Neste período, todos envolvidos e interessados em profissionalizar a produção cinematográfica e audiovisual de Santa Maria se encontravam na TV OVO – Oficina de Vídeo (no espaço que ocorriam as projeções do Cineclube Porão) para debater tais

questões. No dia 6 de abril de 2002, ocorreu uma assembléia com membros que participavam das reuniões e foi então fundada a Estação Cinema.

As primeiras diretorias da entidade foram presididas de 2002 a 2004 por Luiz Alberto Cassol (presidente) e Álvaro de Carvalho Neto (vice). De 2004 a 2006 por Leonardo Roat (presidente) e Marcos Borba (vice). De 2006 a 2008, estão o então presidente Fabiano Foggiato Godinho e o Vice-Presidente Luis Fernando Rodrigues.

Dentre as realizações da Associação há a criação de uma tabela de valores de cachês para os profissionais técnicos da cidade. Segundo CASSOL¹³:

A tabela com os cachês foi criada pela Estação Cinema para termos um parâmetro e para a devida valorização dos profissionais técnicos da cidade e região. A tabela surgiu após reuniões e encontros da Associação e foi discutida com os sócios. Na época vimos tabelas de outras cidades como São Paulo e Porto Alegre e foi feita uma média para Santa Maria.

Até onde eu sei é uma das poucas cidades no Brasil a ter uma tabela local para ser um parâmetro para as produções.

A seguir, a tabela de valores para atuação no mercado de Santa Maria e região, esses valores sinalizam para o que deve ser pago por semana (05 diárias). A tabela representa uma média e pode ser adequada para cada produção.

	A	B
Diretor Cinematográfico	1.417,00	1.020,00
1º. assistente de direção	624,00	330,00
2º. assistente de direção	353,00	175,00
Continuista	521,00	250,00
Produtor Executivo	1.255,00	700,00
Diretor de Produção	934,00	500,00
1º. Assistente de Produção	521,00	250,00
2º. Assistente de Produção	353,00	175,00
Contra-regra	240,00	120,00
Secretário de Produção	353,00	175,00
Diretor de Fotografia	934,00	500,00
Dir de Fotografia/Op. câmera	1.255,00	700,00
Operador de Câmera	856,00	250,00
1º. Assistente de Câmera	664,00	-
2º. Assistente de Câmera	399,00	-
Foquista	664,00	-
Vídeo Assistente	353,00	175,00
Fotógrafo de cena	399,00	190,00
Eletricista/maquinista chefe	664,00	350,00
Eletricista/maquinista	521,00	250,00
Técnico de efeitos especiais	664,00	350,00

¹³ Por e-mail

Operador de Gerador	521,00	250,00
Diretor de Arte	934,00	500,00
Cenógrafo	856,00	450,00
Cenotécnico	521,00	250,00
Assistente de cenógrafo	399,00	190,00
Figurinista	856,00	420,00
Assistente Figurinista	521,00	250,00
Adrecista	399,00	150,00
Cabeleireiro/Maquiador	521,00	250,00
Maquiador/efeitos especiais	624,00	330,00
Assist. de Maq./cab.	240,00	120,00
Camareiro	352,00	150,00
Costureira	240,00	175,00
Técnico de som direto	934,00	500,00
Técnico de som guia	624,00	330,00
Microfonista	521,00	250,00
Editor/montador	934,00	500,00
Assistente editor/montador	399,00	190,00
Diretor de animação	1.255,00	750,00
Animador	795,00	450,00
Arte finalista	856,00	500,00
Dublê (por cena)	367,00	367,00
Estagiário	100,00	100,00

Tabela A – tabela de piso salarial para profissionais para trabalhos em película (curta, média e longa-metragem);

Tabela B - tabela de piso salarial para profissionais para trabalhos em vídeo (curta, média e longa-metragem)

Também é importante destacar como realização da Estação Cinema o 1º Seminário Santa-Mariense do Audiovisual, o Seminário Gaúcho, realizado em parceria com o SMVC e que junto com este, em 2007, chegou à sua sexta edição. Em todos os seminários um documento final — a Carta de Santa Maria — é elaborado e lido no encerramento do Festival.

Este seminário tem recebido em todas as suas edições o apoio e participação entidades gaúchas como a APTC /ABD RS – Associação Profissional dos Técnicos Cinematográficos do RS, o IECINE – Instituto Estadual de Cinema e a FUNDACINE – Fundação de Cinema do RS.

A Estação Cinema também estabelece uma parceria com o movimento cineclubista. Um projeto de destaque foi o *Curta nas Quartas*, na Casa de Cultura, proporcionado o debate e exibição de produções locais, que também acontece dentro da programação do Cineclubes Lanterninha Aurélio – Projeto Cultural da CESMA (Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria). Outras ações com essas entidades

somadas as atividades da TV OVO – Oficina de Vídeo / Ponto de Cultura, tem permitido Mostras Itinerantes das produções locais por vários locais da cidade.

No ano 2005 foi criado o Troféu Estação Cinema a ser entregue, durante o Festival de Santa Maria, para um profissional técnico da cidade, a fim de valorizá-los e homenageá-los.

Mesmo com tantas iniciativas, a Estação Cinema teve também suas fases críticas em que ninguém comparecia às reuniões, como fala Foggiatto¹⁴, atual presidente da associação:

A Estação Cinema passou um tempo parada, o pessoal retornou, mas a frequência nas reuniões é muita baixa. Durante o festival fizemos uma campanha para associação, ninguém retornou.

Em Santa Maria a produção está mais voltada para o SMVC e passa o resto do ano sem produção. Muitos fazem para aparecer no festival, não tem interesse, quem realmente quer fazer cinema e está interessado vai às reuniões. A estação está inviável porque as pessoas não vão às reuniões.

No entanto, após a realização desta entrevista, o Diário de Santa Maria (13/11/2007) noticia uma nova iniciativa da Estação:

Ela está de volta e com fome de cinema. Agora com reuniões todas as terças-feiras, a Estação Cinema pretende chamar para discussão não só os seus associados, mas qualquer pessoa que tenha interesse em cinema. Para dar um gás nas atividades e reunir novos sócios, o formato dos encontros foi reformulado. As reuniões passaram a ser mais democráticas e menos sisudas. Os integrantes do grupo resolveram fazer os debates em bares e restaurantes da cidade, de forma itinerante. Assim, qualquer interessado pelo tema pode chegar e participar. O objetivo é o mesmo desde sua fundação: batalhar por espaço e condições adequadas para quem exerce alguma atividade na área cinematográfica.

Ainda nesta reportagem o Diário de Santa Maria diz que hoje a associação possui cerca de 50 membros. A Estação Cinema atualmente também está desenvolvendo com apoio da LIC – Lei de Incentivo à Cultura de Santa Maria, um DVD com produções da cidade, previsto para ser lançado ainda em 2007.

¹⁴ Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

6. DE ONDE VÊM AS PRODUÇÕES?

6.1 TV OVO

Em maio de 1996 a Associação Comunitária da Vila Caramelo, na região oeste de Santa Maria iniciava uma oficina de vídeo para adolescentes, uma iniciativa de Paulo Tavares. A intenção era oferecer aos jovens a oportunidade de conhecer e praticar a produção audiovisual. Em 1997, a oficina passa a ser uma associação sem fins lucrativos, e assim então nascia a TV OVO com o objetivo maior de formar pessoas com identidade própria, transformando-as em protagonistas de suas histórias por meio da perspectiva audiovisual. Desde então, a TV OVO realiza reportagens, documentários, videoclipes, curtas, programas de TV, participação e colaboração em curtas-metragens e cobertura de eventos.

Alex Oliveira¹⁵, que foi um dos alunos da primeira turma e hoje é Coordenador da TV OVO, conta que:

Eu na época estudava na escola, 7ª série quando ele (Paulo Tavares) passou divulgando as inscrições da oficina de vídeo e arte. Ta aí fui, me inscrevi. A primeira aula foi no dia 12 de maio. (...) Na verdade o projeto se chamava oficina de vídeo oeste, por isso o nome TV OVO. Então em 2 meses de oficina, ela já tinha apoio da AssessoD (empresa de assessoria de comunicação), curso de jornalismo da federal, e tínhamos material gravado de 45 minutos. Esse vídeo produzido por nós na época foi apresentado a comunidade. Divulgado com flyerzinhos pra assistirem na igreja da Caramelo, com uma TV 29 polegadas, com vídeo VHS. Nesse dia foram mais de 180 pessoas, claro não tinha qualidade nenhuma, com uma câmera VHS, qualidade de áudio também era muito ruim. Mas mesmo assim as pessoas ficaram até o final e assistiram todo vídeo. Eram filhos, vizinhos, conhecidos que tinham feito aquilo ali e sobre o local que eles moravam. Era uma coisa que não era muito comum pra eles e que acabou chamando muita atenção. Dois meses depois a gente tinha mais um programa de 45 min, esse sim foi apresentado em mais lugares... .

Vale lembrar que de 97 a 99, a TV OVO e os seus jovens auxiliaram na execução do Otelo Cineclubes, projeto cultural do Sindicato dos Bancários de Santa Maria e região. Em 2001 e 2002, a TV manteve o Espaço Cultural TV OVO e o Cineclubes Porão, junto à sua sede. Hoje, participa da coordenação do Cineclubes Lanterninha Aurélio, projeto da Cooperativa dos Estudantes de Santa Maria, também empreendendo sessões de cinema itinerantes, em escolas, vilas, bairros e distritos de

¹⁵ Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

Santa Maria e outros municípios da região. A TV OVO também é co-promotora do Festival Santa Maria Vídeo e Cinema (SMCV). Oliveira lembra que:

A TV enquanto fomentadora do cinema na cidade teve influencia com os cines clubes enquanto encerrou conseguimos a retomada de alguns como o cine clube Cesma e o cine clube itinerante. A TV OVO começou o cine clube porão em 1999 até 2002 no espaço cultural da TV OVO e terminou por falta de espaço físico que acontecia no porão da TV OVO quando a gente saiu da cede tivemos q parar por falta de espaço. O Festival cinema de SM começou no porão da TV OVO com reuniões que aconteciam ali, assim como a estação cinema foi fundada no porão, então acho que por não uma influencia direta mas sim indireta, as coisas aconteciam por uma velocidade tão grande de informações que acabou tento uma influencia uma pedacinho de cada um.

Ainda em 2001, foi apresentado o projeto *TV OVO no Ônibus*. Realizado em parceria com a empresa Expresso Medianeira, teve no início o financiamento da Lei de Incentivo à Cultura de Santa Maria. *TV OVO no Ônibus* produz um programa de TV de 30 minutos mensais, com vários quadros que vão desde reportagens a videoclipes de bandas locais e a exibição é feita de forma contínua em um ônibus equipado com videocassete e TV, circulando por diferentes linhas durante o mês (DSM 19/10/07).

Já em 2003, numa parceria com a Prefeitura Municipal, foi desenvolvido o projeto *TV na Rua*, com oficinas, produção de vídeos e exibição das produções na periferia. (DSM 03/07/03)

A TV OVO faz exibições de suas produções, que vão desde simples TVs até projeções em telão, nos salões comunitários, nas igrejas, em escolas ou até mesmo nos espaços públicos. Através de uma parceria com a Fundação Cultural Piratini, transmissora da TVE Rio Grande do Sul, de 1999 a 2003 a TV OVO co-produziu o programa *Povo Gaúcho*. Em 2004, foi selecionada para o projeto *Pontos de Cultura* do governo federal, que financia atividades culturais em todo o país. Neste ano, 2007, em parceria com a Cia. Independente de Cinema Jayme Filho e o Canal Futura gravaram quatro programas sobre o grupo de percussão Cultura Inclusão, Cidadania e Artes (Cuíca), dos quais um será selecionado para ser exibido no Canal Futura. (DSM, 11/09/07).

Para Oliveira, o que o motiva é poder dar a mesma oportunidade que um dia teve a outros, esclarecendo que a TV:

não seja um mistério, aquele bicho de 7 cabeças, que as pessoas também possam produzir informação, porque tu tem uma informação globalizada e tu não sabe o q acontece na tua rua, o nosso papel é suprir essa deficiência dar essa informação local que a pessoa é um agente de formar e é capaz de informar.

6.2 UFSM — COMUNICAÇÃO

No dia 18 de novembro de 1971, o Conselho Universitário aprovou o funcionamento do Curso de Comunicação da UFSM. Ficou estabelecido que este teria duração de quatro anos: quatro semestres básicos e quatro semestres profissionalizantes para cada uma das habilitações de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, Relações Públicas, Rádio e Televisão e Editoração. Lembramos que hoje, a última habilitação citada não existe.

Em 1975 formou-se a primeira turma, composta de 23 jornalistas, cinco publicitários e três relações públicas. Em 6 de abril de 1976, o Conselho Federal de Educação aprovou, por unanimidade, o pedido de reconhecimento do Curso de Comunicação Social da UFSM.

Em junho de 1979, o Curso de Comunicação solicitou ao Diretor de Material e Patrimônio a autorização para aquisição de um Estúdio de Televisão e encaminhou ao Reitor a relação dos equipamentos necessários para sua implantação. Em agosto, os equipamentos foram adquiridos e o laboratório de televisão e fotografia foram instalados no campus universitário.

Em 1995, a UFSM foi a primeira Universidade a ter um programa no canal universitário — o *TV CAMPUS*, exibido, na época, uma vez por semana. Foi criado através de um convênio entre a UFSM (responsável pela linha editorial), a NET Santa Maria (canal de veiculação) e a Linea Filme & Vídeo (infra-estrutura de produção). Em 1998, a UFSM assumiu toda a coordenação do programa. Atualmente, a TV CAMPUS, ligada à Coordenadoria de Comunicação Social da universidade vai ao ar de segunda a sexta, com uma programação ao vivo.

Em março de 2003, através do projeto de reequipamento das universidades brasileiras, instaurado pelo MEC em 1996 e atualizado, por diversas vezes em nível Institucional, chegaram novos equipamentos para o Curso de Comunicação Social da UFSM. Dessa forma, foi possível compatibilizar a prática didática com a tecnologia digital.

Antes disso, no ano de 2002, os jornais A RAZÃO e Diário de Santa Maria¹⁶, locais, noticiavam sobre os curtas *Lili e o Monstro*, de Sérgio Assis Brasil, *Quatro Dias*

¹⁶ Jornais em anexo 05

de um Soldado e Última Trincheira, de Rondon de Castro como realizações do Núcleo de Cinema (ou Núcleo de Audiovisual) da UFSM. O I Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria (2002), ainda acrescenta a este, o curta *Cinza*, roteiro de Kitta Tonetto e direção de Sérgio Assis Brasil. No entanto, Castro esclarece que:

O Núcleo de Audiovisual da UFSM nunca existiu oficialmente, apesar das intenções de alguns. O que acontece é que sempre houve a necessidade de se centralizar as atividades de cinema em torno de algum organismo e, sendo a UFSM o órgão que abriga a maioria dos que trabalhavam com cinema, tentou-se criar essa estrutura, que não vingou por mil e uma razões. Principalmente, pela visão de que cinema seria uma questão técnica e não acadêmica. Assim sendo, a produção em si seria o resultado aceitável e não o trabalho de pesquisa (agregador de conhecimentos). Para se evitar essa distorção informal dentro da universidade, nunca se tentou sequer oficializar essa idéia.¹⁷

Embora o Núcleo de Cinema não tenha “vingado” e nem “oficializado”, neste mesmo ano, atribuída a “idéia de fracasso” do mesmo que havia começado em 2001, nasce o Curso de Extensão em Cinema Digital da UFSM. Este ensina desde a concepção de uma idéia para cinema até a finalização de um curta-metragem.

No quadro de professores além de Castro, de Santa Maria, estão Sérgio Assis Brasil, Kitta Tonetto, Gerson Leme. Nas primeiras edições foram agregados professores de fora, principalmente de Porto Alegre entre eles Cristiano Scherer, Adriana Borba, Regina O'Donnell, Gerson Rios Leme, Cesário Augusto, Gilberto Perin, Alice Urbim, Paulo Crespo, Geovane Rocha e outros.

Castro lembra e afirma que na época em que o curso foi montado tinham em vista “a formação crítica dos interessados, ministrando não só conhecimentos técnicos, como teóricos e filosóficos sobre o contar histórias com o suporte do cinema”, além de reforçar a necessidade de se formar mão-de-obra especializada na área.

O Curso de Extensão em Cinema Digital, entre 2002 e 2006 (última edição) reuniu aproximadamente 300 alunos, realizou 11 produções de curtas-metragens, das quais receberam no total mais de 30 premiações, além de serem selecionadas em diversos festivais. Em 2007, não houve edição. Segundo Castro por “mudanças recentes na FATEC – Fundação que intermediava a relação entre os alunos e a universidade”. No entanto as atividades devem ser retomadas em 2008, após reformulações didáticas.

No mês de novembro (2007), a Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) enviará ao Ministério da Educação (MEC) propostas para a criação de novos cursos de

¹⁷ Entrevista Rondon de Castro, anexo 01

graduação, entre eles o de Cinema, que se aprovado, será o primeiro oferecido gratuitamente no Estado. Para facilitar as negociações e o processo de implementação, a idéia é incluir a graduação no Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Para o curso de Cinema, o primeiro passo será apresentar a proposta e avaliar se funcionará dentro do curso de Comunicação Social, se terá sede própria, quantos professores serão necessários e de onde virão os recursos.

Castro, em entrevista concedida (UNIVERSITÁRIO/ZH), lembra que a movimentação cinematográfica nos últimos anos deve pesar, citando o Festival Santa Maria Vídeo e Cinema (SMVC) e o curso de extensão como exemplos. “Conseguimos obter uma consciência da produção e formar um mercado. Já passou o deslumbramento. Precisamos ver como os profissionais irão usar o cinema para mudanças sociais”, destacou.

A resposta do MEC sobre os novos cursos deve chegar ainda em novembro. Caso haja um parecer favorável, começam os trâmites na UFSM, e se fala na possibilidade de que estes cursos sejam oferecidos no vestibular de 2009. (Diário de Santa Maria, 23/08/07)

É importante destacar que a UFSM é realizadora do longa-metragem *Manhã Transfigurada*, de Sérgio de Assis Brasil (em finalização) e também do longa *Hamartia – Ventos do Destino*, de Rondon de Castro (em pré-produção), comentados a seguir.

6.2.1 LONGA *MANHÃ TRANSFIGURADA*

O longa-metragem *Manhã Transfigurada*, uma adaptação da obra de mesmo nome de Luiz Antonio Assis Brasil, se passa no Rio Grande do Sul, 1870, numa época em que as grandes propriedades são sinônimo de poder. Nesse contexto, Camila, a personagem central da trama, é abandonada em sua noite de núpcias e aprisionada com sua dama-de-companhia na casa do marido. Recebe apenas as visitas do padre e do sacristão e acaba se envolvendo em um triângulo amoroso. *Manhã Transfigurada*, que tem no elenco Manuela do Monte, Rafael Sieg, Denise Copetti e Paulo Saldanha, todos atores locais, é o primeiro longa-metragem produzido e realizado em Santa Maria. Com direção de Sérgio Assis Brasil e parceria da Universidade Federal de Santa Maria, o filme foi o grande “despertar” de interesses em cinema na região. Embora a cidade já tivesse uma cultura, ainda tímida, ligada à produção audiovisual, foi a partir das

primeiras filmagens de *Manhã Transfigurada*, em janeiro de 2002, que o envolvimento local voltado para o cinema começou a se firmar.

Assis Brasil¹⁸ conta que o processo todo em si foi muito difícil:

porque nós não começamos prontos, todos nós aprendemos, o longa “Manhã Transfigurada” foi uma escola para muitas pessoas aqui em Santa Maria, que a partir dali tiveram estímulo para fazer suas próprias produções. Para mim o aspecto mais importante do “Manhã” é ter despertado isso nas pessoas. Este aspecto eu tenho muito orgulho disso, que as pessoas usaram e abusaram, mas isso sem problema nenhum, mas a medida que o tempo corria as pessoas iam saindo. Nós não tínhamos pessoas especializadas em captação de recursos, que era uma novidade para nós, ninguém praticamente em Santa Maria usava esse recurso das leis de renúncia fiscal, acho até que nós fomos os primeiros a utilizar em Santa Maria as leis de renúncia fiscal. Então foi muito difícil por falta de experiência nossa, várias vezes entramos com o projeto, o relator avaliou que o projeto não tinha condições e aí cada etapa dessas era longa, demorava muito e tudo isso foi afastando, por isso que a fase de pré-produção foi bem complicada. A fase de filmagens foi muito bacana, que eu contei com um monte de colaboradores, eu tive auxílio de muitas pessoas, então foi uma fase bem agradável.

É importante observar que neste ano, 2002, após as primeiras gravações do *Manhã*, foi que nasceu o Curso de Extensão em Cinema Digital da UFSM, com objetivo de formar mão-de-obra especializada e do qual integrantes da produção, na maioria estudantes, fizeram parte. Outros que ingressaram no curso também acabaram trabalhando de alguma forma na produção do longa. Álvaro Neto¹⁹, produtor executivo do filme, salienta algumas oportunidades que sentiu ao filmar em Santa Maria:

Uma delas foi aproveitar essa falta de produção na cidade e motivar as pessoas a participar seja da forma como foi no caso do Manhã, participaram pessoas desde a equipe, comunidade, prefeitura, houve a mobilização geral para que o filme pudesse acontecer de verdade. Criou oportunidades por ser o primeiro filme da cidade, essa experiência rendeu bons frutos. Grande parte dos que trabalharam no Manhã estão envolvidos com cinema, se acertaram com cinema e estão aí no mercado de trabalho

O filme envolveu diretamente em torno de umas 50 pessoas, sendo que a maioria, pela primeira vez trabalhava em uma produção cinematográfica. O que os unia, era o interesse em fazer cinema. O longa não mobilizou apenas a comunidade local, mas também a da região. O filme foi gravado em Santa Maria, Arroio Grande, Silveira Martins, São João do Polêsine (no destino de vale Vêneto) e Rosário do Sul. É possível dizer que aqueles que um dia conheceram o cinema através da iniciativa do Irmão Ademar no início do século, viam agora pela primeira vez como se dava esse processo.

¹⁸ Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

¹⁹ Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

Senhoras, senhores, pessoas de todas idades integraram a figuração do *Manhã*. Um filme na região era novidade e todos queriam de alguma forma contribuir, seja por uma singela participação ou então emprestando material, locações para constituição de um cenário. Assis Brasil lembra que:

A comunidade contribuiu, principalmente as pessoas que estiveram comigo, a minha equipe na época sem ganhar nada, diga-se de passagem, porque nós não tínhamos condições de pagar ninguém, trabalharam sem cobrar absolutamente nada porque isso era um projeto que não se sabia o futuro, se via um futuro mas não se tinha certeza do futuro, então um outro detalhe que pesa bastante nesse contexto é o fato de as pessoas colaboraram comigo, as pessoas da produção. Se não fosse essas pessoas, evidente que não tinha filme. E se não fosse também a comunidade colaborar dentro do possível também não tinha filme.

As gravações do *Manhã Transfigurada* em janeiro foram intensas e aconteciam muitas vezes pela madrugada. Era no intervalo entre uma cena e outra que esse “povo” se reunia, que surgiam idéias. Quando as gravações terminaram alguns continuaram a se encontrar e discutir cinema.

Assim, paralelamente ao Curso de Extensão, nasceu também a Estação Cinema, Associação de Profissionais e Técnicos de Vídeo e Cinema de Santa Maria, ligada diretamente a APTC de Porto Alegre. As reuniões aconteciam no antigo porão da TV OVO, onde foi fundada a Estação. Nesse período também surgiu o Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria, que até hoje tem em sua comissão organizadora, pessoas que trabalharam no *Manhã Transfigurada*.

Ao tratar sobre o fato do filme ter fomentado a produção audiovisual local Assis Brasil responde que:

Eu não tenho dúvida, fomentou. O filme "Manhã Transfigurada" fomentou, mas o bacana que fomentou e as pessoas foram a luta para fazer quebrando a cara, desse conteúdo todo que foi produzido tem muito material ótimo, excelente, então estas coisas todas do "Manhã", por isso que eu digo que é um filme diferente, porque é um divisor de águas com relação a produção cinematográfica de Santa Maria. O festival de cinema também foi fundamental, o curso de extensão também foi importante porque possibilitou contato com cineastas de todo Brasil o espaço para colocar lá os seus curtas, então acho que estes três fatores contribuíram muito para esta explosão.

Então é mais que correto dizer que o *Manhã Transfigurada* é um dos grandes responsáveis por esse “boom” de produções que hoje se vê em Santa Maria, pois foi nele que quem ajuda a construir essa cena de produções na cidade hoje, se encontrou, formou idéias, realizou, realiza. Hoje, há oito anos de seu início, o filme está em processo de finalização, e deve terminar em 2008.

6.2.2 LONGA *HAMARTIA*

O longa-metragem *Hamartia – Ventos do Destino*, de Rondon de Castro é o segundo filme realizado pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), mas este, em convênio com a Força Aérea Brasileira.

O longa-metragem conta a história de um tenente-aviador, habilidoso piloto de caça da Força Aérea Brasileira, que é afastado do que mais dá sentido à sua vida: o vôo, sendo o motivo, a morte de sua esposa e uma profunda depressão que o acometeu pós este fato. No site²⁰ do filme, a sinopse traz:

O vagaroso retorno de Martim ao vôo depende de sua recuperação e da ajuda de seus colegas. Para isso, conta com a ajuda do tenente-aviador Álvaro - amigo e parceiro dos tempos da Academia da Força Aérea – e da Tenente Cláudia – a “doc” ou médica do esquadrão – que foi a responsável pelo seu afastamento das missões aéreas. Na luta para retomar à rotina dos vôos, Martim enfrenta não só suas próprias angústias mas também ao risco de atender a um pedido feito por uma misteriosa mulher. Ao mesmo tempo, uma perigosa missão poderá acabar não só com sua carreira, mas com sua própria vida.

O filme, um romance, conta com cenas aéreas planejadas em locações do Rio Grande do Sul, Amazonas e nordeste brasileiro. As atividades de bastidores (produção), na sua maioria são desenvolvidas como projetos de extensão ou de pesquisa registrados nos órgãos específicos da UFSM, onde alunos de diversos cursos da universidade integram a equipe.

Entre as atividades que são desenvolvidas por grupo, estão: realização de *story board* (desenhos de cena do roteiro, aproximadamente 500 desenhos), por alunos de Desenho Industrial; “PsicoHamartia”, grupo de estudantes do curso de Psicologia da UFSM, que realizam a construção do perfil psicológico das personagens. Orientados por um professor do mesmo curso, os alunos entrevistam membros da FAB que estejam em funções similares à das personagens. Atualmente, o processo de estudo encontra-se na orientação dos atores sobre os resultados atingidos; Diálogos, por conta de estudantes do curso de letras que busca o aprimoramento da linguagem coloquial utilizada no filme, tendo como objetivo o melhor impacto sobre o público espectador, primando a sonoridade das palavras; Arte/figurino, pesquisa do Desenho Industrial e Comunicação Social relacionada com o levantamento dos figurinos que serão utilizados no filme, além do estudo dos costumes sobre as roupas civis utilizadas pelos mesmos militares em

²⁰ www.hamartia.com.br

diversas situações cotidianas. Ainda há a construção de um banco de dados (e tabelas específicas) para facilitar a direção de arte e evitar futuros erros de continuidade; Gravações e fotos, realizadas por alunos da comunicação social para a criação e referência dos demais grupos, significando o levantamento de um banco de dados fotográfico, assim como antecipar testes de luz; Modelagem em 3-D, realizado por um grupo de pesquisa que reúne acadêmicos e professores dos cursos de comunicação social e desenho industrial que focam a construção virtual de cenas, principalmente as relacionadas a tomadas aéreas; Maquete/réplica, realização dos alunos de arquitetura e desenho industrial destinado a planejar e a reproduzir, com materiais alternativos, réplicas das aeronaves, em especial uma, em dimensão 1 X 1 (tamanho natural) do *cockpit* das aeronaves, com alto grau de detalhamento; Projeto Gráfico, realizado como Trabalho de Conclusão de Curso pelo acadêmico Andrey Lamberty, do curso de Desenho Industrial. A monografia se relaciona ao estudo profundo do roteiro do *Hamartia - Ventos do Destino* e a sua representação gráfica, seja através da criação de peças (cartazes, capas de DVD e VHS, ilustração para camisetas etc.) até a montagem da tipografia que forma o logotipo da produção e exposta no site, baseado no alfabeto grego arcaico.

Outra atividade desenvolvida como pesquisa é a Trilha Sonora/sonorização, da dissertação de mestrado do compositor Gerson Rios Leme (Pós-Graduação em Educação da UFSM), que criou a trilha sonora através do estudo do roteiro artístico, resultando na música-tema, com caráter romântico e épico. Coube ainda a essa pesquisa o levantamento, a "criação" de sons e o planejamento da captação de sons *in loco*, no set de gravações.

Na produção também ocorre a preparação de atores, ambientando os atores ao meio militar através de "laboratórios". Também há um grupo de filosofia onde alunos e professores discutem e estabelecem os vínculos filosóficos que cercam o roteiro, sua espiritualidade e coerência literária.

Desde a primeira versão, o roteiro do filme *Hamartia – Ventos do Destino* já passou por 27 tratamentos diferentes, para aprimorar efeitos de cada cena e potencializar seus efeitos sobre os espectadores.

6.3 UNIFRA

O projeto de um curso de comunicação de social com habilitações em jornalismo e publicidade e propaganda foi criado por Rosana Zucolo e Fernando Azevedo em 2001. Na época também se discutia a possibilidade da criação de um curso de cinema, mas pelo custo se tornava inviável.

Rosana Zucolo²¹, atual coordenadora do Jornalismo lembra que:

A Unifra gostaria de discutir a possibilidade de criação de um curso de Comunicação. A gestão estava começando e tudo tinha o gosto do novo. Lembro-me do entusiasmo com que elas discutiam as possibilidades. Discutimos o mercado local e o regional, a história editorial da cidade que tinha nos Pallottinos uma força indiscutível e somente a USP no Brasil possuía uma habilitação em editoração. Discutimos também as tendências na área e, entre elas, o cinema que começava a surgir forte no RS, com as especializações. Não estava descartada a possibilidade de um curso em cinema naquele momento. No entanto, a infra-estrutura para um curso nessa área era uma das exigências caras.

Em 2003 os dois cursos, Jornalismo e Publicidade foram implementados. Os cursos que inicialmente foram projetados com duas disciplinas de cinema com carga horária de 90h, sofreram alterações na grande curricular que reduziram as disciplinas de cinema para 60h cada e as mesmas do curso de publicidade foram extintas. Zucolo ao tratar do assunto aponta que:

A primeira matriz curricular já possuía as disciplinas de cinema. Por que? Penso que me ocorreu que são áreas transversais. Embora com suas especificidades, o cinema e jornalismo dialogam em diversos momentos. Há a crítica de cinema, há o cinema documental, o cinema denúncia, os debates, e reconstrução histórica, a crítica à realidade, as linguagens, enfim, se cruzam o tempo todo. Se não me engano tínhamos duas disciplinas de cinema com 90 horas cada uma. A matriz do curso foi sendo adaptada ao movimento do curso depois da sua implementação em 2003. Quando chegou a vez do curso de publicidade, já com um esqueleto inicial, foi chamado o Fernando Azevedo que terminava a pós na Argentina e dava aulas na Universidade de Passo Fundo. Ele contribuiu na finalização do curso da PP, mas acertamos em manter também nele as disciplinas de cinema, pelas mesmas razões.

Ainda em 2003, foi criado pela então coordenadora do curso de publicidade, Daniela Pedroso, o cineclube Unifra, que acontece uma vez por semana, aos sábados à tarde no salão azul do campus 1 da universidade. Hoje o cineclube é coordenado pelo professor Carlos Badke e também desenvolvido por alunos do curso de Comunicação Social. Badke²² lembra que:

²¹ Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

²² Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

O cineclube Unifra é uma atividade acadêmica, sem fins lucrativos que existe desde abril de 2003. Os temas e respectivos filmes são discutidos e selecionados pelos alunos. Também é de sua responsabilidade a criação de cartazes e material de divulgação para a imprensa. a finalidade deste espaço cultural é discutir cinema, contribuir para a formação de um público crítico e estreitar os laços com a comunidade.

Os filmes são comentados pelos alunos antes da exibição e a discussão é aberta à platéia. Percebemos que deixar a discussão para após a sessão esvaziava por dois motivos: o campus 1 fecha as portas e escurece ao final do dia.

Badke fala que geralmente em julho, no período que acontece o Festival de Vídeo e Cinema de Santa Maria, são exibidas as produções locais no cineclube, e quando os diretores das produções são convidados a comentá-las, o interesse do público é redobrado.

Em 2005, a primeira turma de jornalismo teve cinema I, teórica. Na disciplina de Cinema II, os alunos elaboram dois argumentos que são selecionados entre a própria turma para serem gravados. Desde então, através desta disciplina já foram gravados x curtas, ... , além de outras produções audiovisuais voluntárias desenvolvidas por grupos de alunos em outras disciplinas.

Para Kitta Tonetto, professora de cinema (obrigatórias) e documentário (optativa) da Unifra e coordenadora do Núcleo Audiovisual do Jornalismo, o cinema é um meio de comunicação que está presente dentro das salas de aula, na TV e em todas as outras mídias. Segundo ela²³:

É através deste meio de comunicação que avaliamos a nossa história, a contemporaneidade, os outros países e a nós mesmos. O cinema propicia ao aluno uma análise crítica e ao mesmo tempo um campo sem limites para a criação. Escrever é uma arte que não pertence somente ao texto para o impresso ou telejornalismo, no roteiro cinematográfico sabemos qual aluno está preparado para escrever sobre tudo em uma redação de jornal, pois a criatividade e análise também estão presentes em todos os momentos jornalísticos.

Para Luciano Mattana²⁴, professor e coordenador do curso de publicidade da Unifra há quase um ano, as disciplinas de cinema não são necessárias na grade curricular da publicidade, uma vez que são oferecidas como optativas as do jornalismo. Em suas palavras, ele afirma que estas não são necessárias. Planejam inserir a disciplina de cinema na grade curricular algum dia? “visto que os alunos tem possibilidade de cursar a disciplina como optativa juntamente com o jornalismo. Também não é prioridade a criação desta disciplina. Existem outras que estão no topo da lista”.

²³ Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

²⁴ Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

No ano de 2006, foi criado o Núcleo Audiovisual, um do jornalismo e outro da publicidade, onde é feita uma seleção dos alunos que irão trabalhar, no caso do jornalismo realizando reportagens, programas para a TV, curtas, registros para a instituição e documentários institucionais ou não.

De 2005 até o atual momento, dez curtas-metragens foram produzidos pelas disciplinas de cinema, quatro documentários pela disciplina de documentário, três documentários em projeto experimental em televisão e outros por disciplinas que não exigem tais produções ou através de projetos extras enviados ao Núcleo, realizados por livre e espontânea iniciativa dos alunos. Zucolo lembra que “A produção hoje é considerada de bom nível por quem conhece a área, inclusive com trabalhos premiados, como foi o caso nesse último festival de vídeo e cinema”.

Em 2007, a Unifra fecha uma parceria com a Universidade Federal de Santa Maria – UFSM em que o Canal 20 – TV CAMPUS pertencerá às duas universidades. A TV UNIFRA deve entrar “no ar” em 2008.

6.4 PRODUTORAS LOCAIS

É importante destacar a participação de certas produtoras locais na produção audiovisual e cinematográfica de Santa Maria. Dentre as que mais realizam ou já realizaram nesse cenário, estão a Línea, Finish, Milímetros, KHINE, a Canal 1 e de áudio a GRL. Se um dia estas foram “tocadas” pelas idéias de projetos de cinema e voluntariamente participaram por esse amor à 7ª arte que alguns aqui de Santa Maria possuem, também foi por terem acreditado neste amor, que hoje, a profissionalização começa a se tornar mais forte, assim como os incentivos fiscais e empresariais a este cenário.

A Línea é uma produtora que iniciou suas atividades em 1991 com o foco em produções audiovisuais comerciais e institucionais, mas que também investe em outras atividades como programas produzidos para a Rede Vida de Televisão, programas para TV a cabo e campanhas políticas, entre outros.

Em 1997 começou a participar no cinema local através do convite do diretor Sergio de Assis Brasil. Entre as produções realizadas estão os curtas-metragens: *Drácula*, *Poema Raquel*, *Lili e o Monstro* e *Rosa Cruz*, de Sergio de Assis Brasil, *Clair de Lune*, de Marcelo Esteves (Cinemateca Catarinense), *Centopéia* e *Devassidão*, do

Curso de Extensão em Cinema Digital (UFSM), *Cinza e Vermelho*, e *La Fortuna del Gigio*, de Kitta Tonetto, e *Morrendo para a Fama*, de Lisiane Moresco. Atualmente a produtora não trabalha em qualquer produção local.

A Finish Produtora comemorou 14 anos de trabalho em 1º de novembro de 2007. Além de produções publicitárias, realiza uma série de trabalhos autorais e apóia o Festival de Cinema de Santa Maria desde sua primeira edição, em 2002. Já produziu vários videoclipes e realiza a preparação de material para *transfer* em película.

Dentre as produções realizadas estão: *Vagas Lembranças da Hora de Minha Morte* (2006), de Leonardo Roat; *Insanidades*, *Super-70*, *Anônimos* e *Fome de quê?*, de Luiz Alberto Cassol; *4 Dias - História de um Soldado* e *Última Trincheira*, do diretor Rondon de Castro; e *Versões* de Carolina Berger e Luiz Alberto Cassol. Também trabalhou na pós-produção para *transfer* dos curtas-metragens, da diretora Kita Tonetto, *Cinza e Vermelho* e *Amizade*, do qual fez também a edição e a finalização.

Atualmente, a produtora prepara o lançamento do documentário *Faltam 5 minutos*, e edita um documentário sobre câncer.

A Milímetros, de Álvaro Neto, atua há seis anos nas áreas de cinema e televisão – ficção e documentário. A empresa produz programas de televisão, mas prioriza a produção cinematográfica. Dentre suas obras estão os longas-metragens, *Manhã Transfigurada*, de Sergio de Assis Brasil e *Clô, Dias & Noites*, de Beto Souza, além dos curtas *Amizade*, de Kitta Tonetto (Primeiro Prêmio RBSTV Histórias Curtas), *Espelho*, de Fabiano Foggiato, *Herança*, documentário de Carolina Berger (Melhor Idéia no NUFF GLOBAL 2007) e *Natureza*, de Leandro Quezec.

Entre os trabalhos direcionados para TV estão: *Os portugueses* (2001), Especial Histórias Extraordinárias RBSTV e TV COM, *Imembuí*, Especial Histórias Extraordinárias RBSTV e TV COM, *Cemitério dos Barbosa*, Especial Histórias Extraordinárias RBSTV e TV COM.

Também há a KHINE de Kyta Tonetto, que começou as atividades em 2003 e já realizou os curtas-metragens *Presente de Grego*, *Bem-Vindos*, os médias-metragens *Cinza & Vermelho*, *La fortuna del Gigio* e *Morrendo para a fama*. Atualmente KHINE produz o longa-metragem *Hamartia – Ventos do Destino*, de Rondon de Castro.

A Canal 1 (RM Cardoso), iniciou suas atividades na área de vídeo em 1991 com gravações de casamentos e aniversários, mas foi em 2003 que realizou seu primeiro

curta-metragem. Ainda antes, a produtora já se envolvia na área cultural, gravando peças teatrais.

Foi a partir do curta *Espectro*, de Jayme Filho, primeiro filme da produtora, e primeiro exibido no SMVC, que a Canal 1 passou a ser uma empresa parceira para produções audiovisuais. Dentre as produções realizadas pela Canal 1 estão: *Espectro*, de Jayme Filho, Lunara Dias e Diego Godoy; *O Gordo e o Magro*, de Helquer Paez; *Nosferatu & a Donzela*, de Helquer Paez, *Lembranças*, de Lunara Dias, Diego Godoy, Jayme Filho; *Chaplin e a Florista*, de Helquer Paez, *Chaplin o Dentista*, de Helquer Paez; *Ponto de Vista* (Documentário), de Mariângela Scheffer Cardoso; *Platônico*, de Ana Machado e Jayme Filho; *O Saldo e a Multa*, de Joel Cambraia; *Desejo Vermelho*, de Tânia Oliveira; *Maria Regina* (em finalização).

Mariângela Cardoso, proprietária, lembra que a Canal 1 também proporciona a jovens a oportunidade de aprender a editar e de conhecer mais da área de vídeo.

Outra produtora, importante na produção audiovisual local é a ((GRL)) áudio produtora, de Gerson Rios Leme. A GRL foi fundada em 2003, segundo Leme, com o objetivo de atender às produções de audiovisual, teatro e dança, além da produção e direção musical de artistas locais “propondo soluções que se baseiam na utilização de recursos tecnológicos digitais combinados com uma sólida formação musical acadêmica e popular, refletidas em resultados rápidos e eficientes”.

A produtora — que basicamente trabalha com composição de trilha, captura, edição e finalização de áudio — já prestou serviços para BBC de Bristol, FOX e Petrobrás, entre outros. Dentre as principais produções locais já atuou nos curtas *O Bom, o mau e o chato*, de Lucas Mori, *Vítimas em nós* e *A Farsa Seca*, de Fabrício Koltermann, *Vagas lembranças da hora de minha morte* e *A Aposta* (em andamento) de Leonardo Roat, *Jogo dos anjos*, de Luiz Fernando Mello, *O envelope azul*, de Lunara Dias, e *Última Trincheira*, de Rondon de Castro. Em documentários como *Super 70* e *Insanidades*, de Luiz Alberto Cassol e *Mordaça Verde e Amarela*, de Cátia Dalmolin. Atualmente também faz captura, edição e finalização de áudio e composição de trilha musical original para o longa-metragem *Hamartia*, de Rondon de Castro.

Vale lembrar que algumas das realizações das produtoras citadas foram feitas “no amor à camiseta”, ou melhor, “pelo amor ao cinema”, ou seja, com mais despesas que lucro. No entanto, após incentivos empresariais e da LIC, este quadro tem mudado,

profissionalizando aos poucos o cenário dos que aqui, desenvolvem e lutam pela produção de cinema local.

6.5 “DE FORA” – Depois do *Abas* o *Clô*

Depois do longa-metragem *Os abas largas* (1962), uma produção carioca, ser filmado em Santa Maria, o longa *Clô Dias e Noites*, (2007/2008), aparece novamente com esse caráter “estrangeiro” que engloba pessoas da cidade para atuarem e/ou trabalharem na produção.

O filme *Clô dias & noites*, tem seu roteiro adaptado do romance de mesmo nome de Sérgio Jockymann, publicado em 1982 pela L&PM Editores, baseado na história real de Clotilde, uma mulher que após ser humilhada pelo marido e perder a guarda dos filhos inicia uma luta pelos direitos femininos. O longa, dirigido por Beto Souza, tem no elenco principal, Antonio Calloni, Naura Schneider, Dan Stulbach, Zé Victor Castiel, Mauro Mendonça e Marcela Muniz.

É importante destacar que a iniciativa em realizar este filme parte de Naura Schneider, atriz de Santa Maria que hoje vive no Rio de Janeiro. Naura também é produtora e protagonista do filme. Ela lembra que, primeiramente, tinha-se a idéia de gravar uma minissérie sobre a história de Clô:

Eu li esse livro há uns 10 anos atrás e fiquei encantada com a história. Sei que é uma história real, enfim. Passou um tempo e o livro é grande e eu pensei em fazer uma minissérie, mas a minissérie eu não teria a autonomia que eu tenho dentro da película do filme. Então aí a gente pensou em fazer um filme, procurei algumas pessoas. Comprei os direitos do livro primeiro e acabei procurando algumas pessoas dentro dessa área pra gente começar o projeto. Isso começou mais ou menos em 2002, foi quando eu comprei os direitos, comecei a desenvolver o projeto.

As gravações foram realizadas em Santa Maria e Porto Alegre. Em Santa Maria, iniciaram-se no dia 27 de março de 2007, contando com uma equipe de 70 pessoas, envolvendo quatro produtoras, duas da cidade de Porto Alegre e duas da cidade do Rio de Janeiro. Esta equipe se estabeleceu em Santa Maria até 14 de abril.

Dentre as principais participações locais estão no elenco: Marco Soriano (Manuel – filho de Clô), Emerson Peixoto (atendente da Delegacia), Candice Lorenzoni (amante de Pedro), Paulo Saldanha (médico), Cesare Barichello (padre do casamento), Geraldo Wobido (padre do velório).

Na produção local: Nádia Schneider (empreendedora cultural da Lei de Incentivo Cultura do Município), Daniel Gabardo (coordenador de transportes), Álvaro de Caralho (produtor local), Fabiano Foggiato (assistente de produção), Luísa Copetti (assistente de produção de elenco), Nara Schneider (assistente de figurino). O filme também incorporou 20 figurantes santa-marienses além de estudantes, voluntários na produção. Naura Schneider²⁵ conta que:

No início eu me assustei, achei que não ia dar conta. São atividades bem diferentes. Mas foi um aprendizado maravilhoso. Acho que não tem faculdade, curso que dê um aprendizado maior do que a própria prática. Foi tranquilo, fui aprendendo, continuo aprendendo, é meu primeiro projeto em cinema, mas é extremamente gratificante. Quer dizer como atriz já trabalho há algum tempo, como produtora é a primeira vez. Mas adorei as duas funções, acho que a gente tem condições sim. E fazer cinema ainda é muito difícil, talvez por isso gere uma vontade superior, que supere isso tudo. (entrevista em anexo)

Álvaro Neto, produtor executivo do longa-metragem *Manhã Transfigurada*, assumiu no *Clô – Dias e Noites* a coordenação da produção local. Sobre a experiência diz: “Estranhei a questão da descentralização, como boa parte foi gravada na região e outra em Porto Alegre havia também o coordenador de lá, por isso acabo não tendo a visão geral do projeto. Achei estranho ao mesmo tempo que tranquilo”.

O filme gravado em digital, que teve um orçamento de mais de 2 milhões de reais e contou com apoio de Leis de Incentivo, inclusive da Lei de Incentivo à Cultura de Santa Maria, está em fase de finalização. A idéia é que o filme seja lançado no dia 8 de março de 2008, dia internacional da mulher, em Porto Alegre e depois seja distribuído pelo país.

²⁵ Em entrevista concedida à pesquisadora, anexo 01

7. FESTIVAL DE VÍDEO E CINEMA DE SANTA MARIA – SMVC

O ano de 2002, como já foi dito, foi o grande “*boom*” da cena audiovisual de Santa Maria.

Em 2005 é criada oficialmente a ONG “Santa Maria Vídeo e Cinema”, entidade civil sem fins lucrativos formada por pessoas que trabalham na coordenação e produção do festival desde sua primeira edição, em 2002. A entidade é formada por associados e por apoiadores dos projetos e realiza então o Festival. Luiz Alberto Cassol, coordenador do Festival lembra que, para garantir a não vinculação política, nem político-partidária, criou-se a ONG, para que o festival se estruturasse e independente perdurasse.

Em 2006 foi uma das organizadoras, em parceria com a CESMA e com o CNC - Conselho Nacional de Cineclubes Brasileiros, entre outras entidades, da 26ª Jornada Nacional de Cineclubes e do 2º Encontro Ibero-Americano de Cineclubes.

O festival²⁶ divide-se em duas principais categorias de competição, a nacional que abrange vídeos de todo Brasil e a local que abrange vídeos de Santa Maria e região, sendo que a região central passou a ser inserida no festival a partir de 2007. Também há uma mostra paralela, não competitiva, onde são exibidos vídeos que não foram selecionados para mostra em competição. O festival conta ainda com a participação do RodaCine, que leva o cinema à praça.

Todos os anos há um homenageado nacional e outro local. Sempre pessoas que de alguma forma contribuíram para o cinema. O Festival em 2007 realizou a sua 6ª edição. Dentre os homenageados locais estão Edmundo Cardoso (2002), Vilson Saldanha (2003), Irmão Ademar e Aurélio Lima (2004), Sérgio Assis Brasil (2005), Luiz Carlos Grassi (2006), Reah Sylvia Frasca Gartner (2007).

De 2002 a 2007, o SMVC teve um aumento significativo de número de inscritos tanto na mostra local quanto na nacional, evidenciando que o interesse pela produção audiovisual em Santa Maria e região cresceu, conforme pode ser constatado no quadro a seguir:

Ano/número de inscritos	Mostra Nacional	Mostra Local
--------------------------------	------------------------	---------------------

²⁶ Ver catálogos e vencedores de cada ano em anexos 03 e 04

<i>2002</i>	103	06
<i>2003</i>	296	12
<i>2004</i>	190	12
<i>2005</i>	212	12
<i>2006</i>	236	17
<i>2007</i>	383	23
Total	1420	82

Vale destacar também que o festival não faz distinção de vídeo e película. Ele justamente se chama “Festival de Vídeo e Cinema” porque as duas técnicas concorrem na mesma categoria. Luiz Alberto Cassol, coordenador do festival, lembra que primeiramente só se aceitava produções em vídeo. Poderiam ser películas, desde que também tivesse a obra em vídeo para realizar a inscrição. No entanto, esse pensamento foi se modificando:

nós permitimos sim que se inscrevesse vídeos e películas, mas que o resultado final tem que ser vídeo, ou seja, se aquela obra tivesse sido escrito em outro festival em películas, se ela tivesse uma cópia 16, 35 super 8, super 16, o que for em película ela não era aceita no Festival em Santa Maria. Com o passar do tempo e com esta discussão fazendo parte o tempo inteiro do próprio festival, porque a gente se discute o tempo inteiro também, o festival passou aceitar qualquer tipo de produção, qualquer tipo de obra, se o resultado final dela é película ou vídeo, não interessa, se ela já participou de outro festival em película não interessa, qualquer obra audiovisual, pra mostra competitiva. Aqui em Santa Maria, no caso até 25 minutos, ou seja, este ano a gente teve este exemplo, as últimas edições a gente tem tido obras em celular, e obras em 35 milímetros, então qualquer obra audiovisual é aceita no festival.

O Festival ainda oferece desde 2002, oficinas durante seu período de realização que variam desde interpretação, direção de fotografia, direção, roteiro à criação de vídeo clipes. Vale lembrar que em algumas destas são produzidos de vídeos que são exibidos na noite de premiação. Sendo assim, o SMVC durante sua realização também é para Santa Maria, além de um local de exibição de produções, um meio de aprimorar conhecimentos na área e produzir algo.

8 ANALISANDO A CENA LOCAL

Falar de cinema não é só dizer de números ou chavões. A trajetória do cinema feita também de reflexões. Normalmente os produtores são tidos como audaciosos, corajosos. A própria palavra “realizadores” conota esse significado. Alguns chavões como “cinema é coisa de louco”, “só louco faz cinema”, são comuns. Ao trabalharmos com pessoas extremamente estressadas dizendo “sou muito louco” ou “somos todos loucos” e, de fato, a correria, o *stress* o incômodo, silêncio e movimento. Nem sempre era tão comum de se ver em Santa Maria. Se eram ou são loucos, os próprios realizadores respondem por si.²⁷

Outra discussão pertinente diz respeito a Santa Maria ser ou não, de fato, um pólo audiovisual, além das perspectivas e melhorias que podem ocorrer para este cenário continuar evoluindo, e o que pensam do mesmo. Quanto a este último, a grande maioria crê que as produções na cidade têm aumentado, no entanto, no que diz respeito a ser pólo ou não, há contradições.

Alex Oliveira, Coordenador da TV OVO, acredita que Santa Maria é o segundo pólo audiovisual do Estado. Para ele, apesar de todos os problemas em viabilizar uma produção há parcerias possíveis de serem feitas.

(...) as universidades, as faculdades de comunicação, conseguem produzir alguma coisa mais acadêmica. As próprias produtoras têm uma consciência que não adianta querer ganhar dinheiro com a produção de cinema. Tu tem de viabilizar e fazer com que o mercado se torne forte.

Luiz Alberto Cassol, Coordenador do Festival de Vídeo e Cinema, concorda com Oliveira e acrescenta a relação da cidade com o cineclubismo:

Santa Maria depois da capital, depois de Porto Alegre, é um pólo audiovisual não apenas pelo festival, mas pelo movimento cineclubista muito forte que existe na cidade. Um movimento que é reconhecido internacionalmente. Santa Maria também pode ser considerada um pólo pelo número de produções que a gente tem na cidade pelo número de pessoas que trabalham com vídeo e cinema. Santa Maria sempre respirou muito cinema, sempre teve uma tradição muito forte, então eu acho que Santa Maria é sim o segundo pólo audiovisual do Estado.

O produtor Álvaro Neto já se mostra em dúvida quanto a esta questão, lembrando que há um movimento de cinema forte em Pelotas e Caxias. Para ele,

“não basta ter vontade de produzir, precisa ter instituições envolvidas, recursos financeiros, materiais e humanos. Outras cidades estão avançando e

²⁷ Em entrevistas concedida à pesquisadora em anexo 01

Santa Maria está ficando um pouco pra trás no sentido da criação do pólo audiovisual”.

O presidente da Estação Cinema – Associação de Profissionais e Técnicos de Cinema e Vídeo de Santa Maria, Fabiano Fogiatto, tem uma visão bem clara quanto a isto. Segundo ele, em termos de quantidade de produções a cidade é o 2º pólo audiovisual do Estado, em relação à estrutura não. Sérgio de Assis Brasil, diretor do filme *Manhã Transfigurada* concorda com Fogiatto e compara Santa Maria a um centro produtor de cinema:

Se for contar pela quantidade, é, mas eu acho muito forte esta palavra pólo, porque pólo significa não só um local onde se realiza filmes, mas um local que também facilita a produção, tem laboratório, que tem outras facilidades, aí realmente ele se torna pólo, o que não acontece aqui em Santa Maria. Cada um faz com a sua câmera, com seu equipamento, então na verdade sob esse aspecto ela ainda não seria um pólo, seria um centro de produção audiovisual. Neste aspecto eu tenho certeza que Santa Maria é o segundo, isso Porto Alegre também reconhece.

Kytta Tonetto é bem sucinta sobre o tema. Para ela “Se para ser um pólo audiovisual o que interessa é o número de produções, aí sim Santa Maria pode ser considerada. Mas, para mim um pólo é muito mais que isso, portanto, ainda não a considero o segundo pólo”. Rondon de Castro, diretor do filme *Hamartia – Ventos do Destino*, ao refletir sobre o cenário audiovisual local, afirma que

passamos por um período de transição e deslumbramento pelas possibilidades da tecnologia digital. Isso ainda compromete em muito a qualidade do conteúdo das produções, em especial as locais. Creio que esse deslumbramento está dando margem para a supremacia da técnica em detrimento do conhecimento. Fazemos, mas a história peca pela falta de compromisso com o espectador.

O atual coordenador do curso de publicidade da Unifra, Luciano Mattana, já acredita que esse problema que Castro aponta não se dá apenas em Santa Maria. Para ele é algo que deve ser melhorado:

Sempre há coisas a melhorar, não só aqui, mas em qualquer local. O cinema brasileiro aprendeu muito nos últimos anos a compor roteiros bem amarrados, com histórias interessantes e vendáveis, que despertam o interesse no público que assiste. Santa Maria ainda precisa entrar nesta linha. Faz roteiros excelentes, mas ainda tem muita produção que não faz filme com roteiro inacabado ou com problemas de enredo e conflito. Como eu disse, este não é um problema de Santa Maria. É um problema do mundo da produção cinematográfica. No entanto, Santa Maria também enfrenta este problema.

Mattana ainda diz que vê com bons olhos o cenário audiovisual local, embora a produção local não permita que os produtores se sustentem financeiramente apenas pelo cinema. “a produção ainda é vasta e qualificada. Uma cidade fora do eixo das capitais

raramente consegue se inserir no cenário cinematográfico e fazer diferença. Santa Maria fez isso”, diz. Quanto a considerar Santa Maria o 2º Pólo audiovisual do Estado, ele ainda diz concordar que é “Porque tem quantidade e qualidade suficiente para sustentar o posto. E porque possui um festival anual que permite a apresentação das produções e ampla movimentação no cenário nacional”. Beбето Badke, professor de jornalismo e coordenador do cineclube da Unifra diz que “aumentamos em quantidade e, por consequência, em qualidade também. O que falta é incentivo público ao longo do ano com oficinas e *workshops* a fim de qualificar os profissionais”.

Para Naura Scheneider, atriz e produtora do filme *Clô Dias e Noites*, todo desenvolvimento de uma produção se relaciona com a vontade, lembrando que a tecnologia “está em qualquer” lugar. Para ela Santa Maria pode se tornar um dia até o 1º Pólo audiovisual do Estado, “O que importa são as condições que a região gera para gente”, diz.

9. CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Passageiros de eterno momento
Que não sabe onde pode parar
E essa angústia que corrói por dentro
Um dia tem que parar (...)
A única certeza é a incerteza do teu amor pra nós dois.”*

Banda Fuga – anos 80

Às vésperas de terminar a monografia, faltando apenas alguns ajustes os quais analisava neste exato momento, o computador então seleciona a música “Saudade”, composição de Rafael Ritzel, interpretação de Pylla, ambos da antiga banda Fuga, de Santa Maria que compunha suas músicas, teve auge nos anos 80.

Um trecho dela me chamou atenção: “passageiros de eterno momento”. Isso junto à história que descobro através da minha pesquisa sobre a produção de cinema em Santa Maria me arrepiava. Porque a relação? Primeiro porque o cinema chegou bem possivelmente de trem na cidade, através da estação ferroviária que tornou Santa Maria um centro cultural. Segundo, o cinema é uma arte imortal, se bem preservada. Terceiro, o trecho que diz “que não sabe onde pode parar...e essa angústia que corrói por dentro um dia tem que parar” me recorda toda a trajetória de quem lutou pelo cinema em Santa Maria. Não abordo aqui o cinema comercial, nem trato do fechamento das salas, mas sim daqueles que aqui construíram e constroem a história da produção de cinema/vídeo local.

Tempos atrás acreditar que uma cidade do interior como Santa Maria poderia ser um pólo cultural, não tão distante, viesse a produzir o próprio longa-metragem, um Festival de Vídeo e Cinema, ou mais recentemente, tornar-se um pólo audiovisual pareceria coisa de malucos sonhadores. No entanto, a história local tem muito a ensinar e a realizar.

Ao constituir essa pesquisa “vi” o irmão Ademar, tentando compreender como funcionava a fotografia, talvez a sua “angústia que corrói por dentro”. Ele foi além da fotografia, foi aos projetores de cinema, e ainda não contente, ele tinha que mostrar aos outros o que até então somente via. O irmão Ademar levou o cinema, projetando-o para quem jamais, se não por ele, conheceria. Este foi um homem, um passageiro de eterno

momento que nunca soube onde parar. Talvez as únicas certezas que teve foi o seu amor ao cinema, às pessoas, e a incerteza dos caminhos que teria que enfrentar.

Esse passageiro, antes de partir, deixou uma mensagem quando foi homenageado durante um dos Festivais de Cinema e Vídeo de Santa Maria. Ele disse “Sejam úteis até o fim da vida”.... e, de fato, ele nunca soube parar. Tornou-se eterno.

Outro nome dessa história é Edmundo Cardoso, dramaturgo, apaixonado por teatro e cinema, fundador do primeiro cineclube de Santa Maria. Edmundo além de contribuir para a história cultural da cidade, também foi um grande arquivista guardou documentos sobre a história de Santa Maria que hoje constituem em um acervo com seu nome “Edmundo Cardoso”. Assim como Ademar, Edmundo provavelmente nunca pensou onde poderia parar, mas sim na angústia dessa luta em prol da cultura. Deixou além de saudade, a memória que constitui muito desta e outras pesquisas, que ainda inspira e inspirarão outras tantas. Esse passageiro também já partiu desse mundo, foi o primeiro homenageado do festival, deixou seu “momento” marcado, talvez por não pensar nas incertezas, mas com certeza por não saber onde poderia chegar.

Já no início da década de 60 foi rodado o primeiro longa-metragem em Santa Maria. Uma produção de fora na qual os atores locais participaram, inclusive Edmundo Cardoso. Já a década de 70 é marcada pela chegada da bitola Super-8, onde começam, de fato, a surgir as primeiras produções locais, diretores que até hoje vivem na cidade como Grassi e Assis Brasil. Neste período, meio a ditadura, também nasce o cineclube Laterninha Aurélio, que apesar de fechar e abrir em determinadas épocas, existe até hoje.

No entanto, é no final da década de 90 que são dados os primeiros passos para se consolidar o cenário audiovisual da cidade. Surge o cineclube Othelo, é criada a TV OVO, acontece o I Encontro de Cinema de Santa Maria, onde mostras das produções locais são exibidas, a Lei de Incentivo a Cultura Municipal é regulamentada, Sérgio de Assis Brasil começa a pensar em gravar o longa-metragem Manhã Transfigurada, o que, na década de seguinte veio a movimentar esse cenário.

Terceiro Milênio, século XXI, a pré-produção do longa de Assis Brasil começa a reunir pessoas interessadas em cinema na cidade, atores, técnicos, publicitários, jornalistas, estudantes. A Universidade Federal de Santa Maria (UFSM) passa a investir mais na produção de curtas. Surgem novos diretores de produções locais como Rondon de Castro, Kitta Tonetto, Léo Roat, entre outros.

Em janeiro de 2002 iniciam as gravações do filme Manhã Transfigurada, que veio a ser o primeiro longa-metragem produzido por pessoas de Santa Maria. A imprensa local não deixa de cobrir, fazer o seu papel. Logo é criado o curso de Extensão em Cinema Digital, com uma edição anual e produção de dois curtas (ficção) por curso. Neste mesmo ano nasce a Estação Cinema, a Associação de Profissionais e Técnicos de Cinema e Vídeo de Santa Maria, onde os envolvidos nas produções locais discutiam formas de fomentar e valorizar a produção na cidade. Em agosto do mesmo ano, acontece o I Festival de Cinema e Vídeo de Santa Maria (SMVC), com competição nacional e local.

Em 2003 é criado pelo Centro Universitário Franciscano (UNIFRA), o Curso de Comunicação com habilitações em Jornalismo e Publicidade, com duas disciplinas de cinema obrigatórias dentro da grande curricular de jornalismo e como optativas em publicidade. Neste mesmo ano, a UNIFRA também cria seu cineclube. Em 2005 o curso começa a realizar as primeiras produções de curtas e documentários e, logo, a participar do Festival de Cinema e Vídeo de Santa Maria (SMVC). Este último que começa a ter cada vez mais participações locais e visibilidade nacional.

No ano de 2007, o SMVC, na sua sexta edição, recebeu 23 inscrições de produções locais, um número relativamente bom se comparado à primeira edição que teve seis inscrições. Na categoria nacional foram 383 em 2007, das 103 de 2002. Ainda em 2007 um outro longa-metragem com produção de fora foi gravado na cidade e incorporou atores e técnicos locais – o “Clô – Dias e Noites”, de Beto Souza. Também iniciaram as primeiras gravações de cenas do filme “Hamartia - Ventos do Destino”, de Rondon de Castro, uma produção local em parceria com a Base Área de Santa Maria.

Pelo que me consta historicamente na cidade sempre houve um interesse particular pela cultura e também pelo cinema. É notável existir grupos de pessoas que ajudam a constituir esse cenário, que há interesse na produção de cinema/vídeo e que muito tem se feito por aqui.

Agora se Santa Maria é ou não hoje um pólo audiovisual, essa é uma questão que se discute e ainda deve ser discutida. Os principais argumentos que dizem que sim, levantam o número de produções realizadas pela cidade, já quem tem uma opinião contra, dizem que falta mão-de-obra qualificada, uma faculdade de cinema. Talvez essa seja uma discussão eterna assim como se Santa Maria é ou não uma cidade cultura.

Se um dia em Santa Maria, se sonhou em ver cinema seja pelo projetor do irmão Ademar ou as antigas salas de cinema, noutros tempos em discutí-lo nos cineclubes e

atualmente em fazê-lo, o próximo passo deve ser em profissionalizá-lo, de fato. E que as formas de incentivos não sejam unicamente por renúncias fiscais, as de aprimorar conhecimento: o curso de extensão, oficinas do festival e TV OVO, disciplinas extras em faculdades. Que venha mais! Se existe uma demanda de produções, de pessoas interessadas e/ou “na ativa”, nada mais justo que estas que aqui buscam realizar suas produções, sejam remuneradas por isto. Enquanto Santa Maria possuir esse caráter experimental, estará mais vetada a cidade laboratório do que a pólo audiovisual.

Embora Santa Maria esteja à frente de muitas outras cidades do interior, é importante pensar que estas não devem servir de parâmetro de comparação, uma vez que o que importa é fazer movimento cinema/vídeo local progrida.

Aos meus olhos, o que se passa hoje em Santa Maria é o fato de muitos dos que constroem ou ajudam a construir o cenário de cinema/vídeo, esqueceram que viajam no mesmo trem, esqueceram que alguns clichês fazem sentidos como “um por todos e todos por um”. Uma prova disso é que a Estação Cinema esteve praticamente parada por falta de participações em suas reuniões. Esta mesma, no momento busca realizar encontros em bares, restaurantes, cafés, na expectativa de se tornar mais atraente para quem quiser participar. Então é visto que uma discussão sobre a cena local se faz essencial, não basta apenas fazer. E se mesmo assim o cenário cinema/vídeo de Santa Maria continua a crescer, é porque na “angústia que corrói por dentro” ninguém difere.

“A única certeza é a incerteza do teu amor pra nós dois”, como diria a canção. Ainda podemos afirmar que se o cenário cinema/vídeo de Santa Maria cresce, é porque assim como Irmão Ademar, Edmundo Cardoso e outros nomes desta cidade (citados nessa pesquisa), que possuíram ou possuem essa “angústia” de não saber onde parar, de fato nunca pararam! Porque aqui, quem carrega essa “angústia” sonha, e tenta supri-la, fazendo. Por haver quem tê-la, em Santa Maria se constroem caminhos, inspiram “novos passageiros”, se faz história. O trem avança!

10. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Paulo Sergio; BUTCHER, Pedro. **Cinema Desenvolvimento e Mercado**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2003.

ASSIS BRASIL, GIBA. Cenas do cinema gaúcho. **Site Casa de Cinema de Porto Alegre**. Disponível em <http://www.casacinepoa.com.br/port/conexoes/cenas-rs.htm>, casa de cinema, consultado em 10/8/2007

BECKER, Tuio. **Cinema no Rio Grande do Sul** – Caderno Ponto&Vírgula 8. Porto Alegre: Unidade Editorial, 1995.

BRODERICK, Peter. Guia Básico para produção de um filme digital. Artigo disponível em http://www.telenews.com.br/guia_prod_filme_digital.pdf. Consultado em 20/08/2007

CORREA, Roselaine Casanova. **Vida Cultural em Santa Maria: O caso da Escola de Teatro Leopoldo Fróes (1943-1983)** – dissertação de mestrado - 2003

DUARTE, Rosália. **Cinema e Educação**. Belo Horizonte: Autentica, 2002.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio Buarque de Holanda Ferreira**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.

GERBASE, Carlos. **Impacto das Tecnologias Digitais na Narrativa Cinematográfica** – Coleção Comunicação 30. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

HINERASKY, Daniela Aline. **O Pampa Virou Cidade: Um Estudo Sobre A Identidade Cultural Nas Produções De Teledramaturgia Da Rbstv**, dissertação de mestrado, 2004.

LEME, Gerson Rios. **Professores De Escolas De Música: Um Estudo Sobre A Utilização De Tecnologias**, dissertação de mestrado, 2006.

LIMA, Waldemar. Entrevista disponível em <http://negativoonline.com/waldemarlima.htm>. Acessado em 10/08/2007

MACIEL, Suely. História oral e as fronteiras com o jornalismo: A possibilidade metodológica e proposta de um novo fazer. **Revista PJ: BR – ano 5** – julho 2005-2008, disponível em <http://www.eca.usp.br/pjbr/arquivos/artigos8.htm>, consultado em: 10/08/2007

MAY, Tim. Pesquisa Social – **Questões, Métodos e Processos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

MERTEN, Luiz Carlos. **Cinema entre a realidade e o artifício**. Porto Alegre: Artes e ofício, 2003.

MERTEN, Luiz Carlos. **A Aventura do Cinema Gaúcho**. São Leopoldo: Editora Unisinos, 2002.

MINAYO, Maria Cecília. **Pesquisa Social** – Teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2004.

MORAES, Renato Bulcão. **Contribuição à técnica de kinescopia**, dissertação de mestrado, 1997. Disponível em: <http://www6.ufrgs.br/infotec/teses97-99/moraes-usp97.htm> , consultado em: 10/08/2007

NECCHI, Vitor. **Dissonância no pampa - A saga de Anahy de las Misiones na representação cinematográfica da identidade gaúcha** – Dissertação de Mestrado, 2005. Disponível em: http://www.pucrs.br/famecos/pos/download/dissertacao_vitornecchi.pdf. Acessado em: 18 de dezembro de 2007.

ROSSINI. **Cinema gaúcho: construção de história e de identidade** , Número 7 - 2007, Nuevo Mundo Mundos Nuevos, mis en ligne le 12 janvier 2007. Disponível em <http://nuevomundo.revues.org/document3164.html>. Acesso em: 18/09/2007.

ROUCHOU, Joelle. História Oral: entrevista–reportagem x entrevista-história, **Revista Brasileira de Ciências da Comunicação – REVCOM** – 2000, disponível em: <http://revcom2.portcom.intercom.org.br/index.php/rbcc/article/viewFile/800/583> consultado 10/08/2007.

SILVA, Francine Nunes da. **Cineclubes Lanterna Aurélio: Um Estudo Etnográfico Sobre Cineclubismo E Sociabilidade Em Santa Maria**, monografia de graduação, 2007

SILVEIRINHA, Patrícia. A arte vídeo - Processos de abstracção e domínio da sensorialidade nas novas linguagens visuais tecnológicas. **Revista de Recensões de Comunicação e Cultura** – 2002, Consultado em: 9/08/2007
Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/silveirinha-patricia-Arte-Video.html>.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado**: história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

FONTES DOCUMENTAIS:

JORNAIS:

- A RAZÃO – SANTA MARIA - RS
- DIÁRIO DE SANTA MARIA – SANTA MARIA - RS

SITES/Consultados em 11/09/2007:

- www.smvc.org.br
- www.fundacine.org.br
- www.rge-rs.com.br
- <http://www.santamaria.rs.gov.br/>
- www.lic.rs.gov.br
- <http://www.casacinepoa.com.br>
- <http://www.aptc.org.br/biblioteca/mostrars.htm>
- http://www.universitario.com.br/noticias/noticias_noticia.php?id_noticia=3951

FONTES ORAIS:

Alexsandro Oliveira
Álvaro Neto
Carlos Alberto Badke
Fabiano Foggiato
Humberto Zanatta
Luciano Mattana
Luiz Alberto Cassol
Naura Schneider
Maria Cristina Tonetto
Rondon Castro
Rosana Zucolo
Sérgio Assis Brasil

12. ANEXOS

1. ENTREVISTAS

2. LEI E NORMAS DA LEI DE INCENTIVO A CULTURA DE SANTA MARIA

3. CATÁLOGOS - FESTIVAL DE VÍDEO E CINEMA DE SANTA MARIA - SMVC - ANOS 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007

4. PRODUÇÕES PREMIADAS NO SMVC - ANOS 2002, 2003, 2004, 2005, 2006, 2007

5. JORNAIS